

HISTORICO DA BAHIA

REVISTA COMMEMORATIVA
DO

QUARTO CENTENARIO
DO
BRAZIL

ANNO VII VOL. VII N. 23
3 de Maio de 1900



INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA

REVISTA COMMEMORATIVA

DO

Quarto Centenario

DO

BRAZIL

ANNO VII

VOL. VII

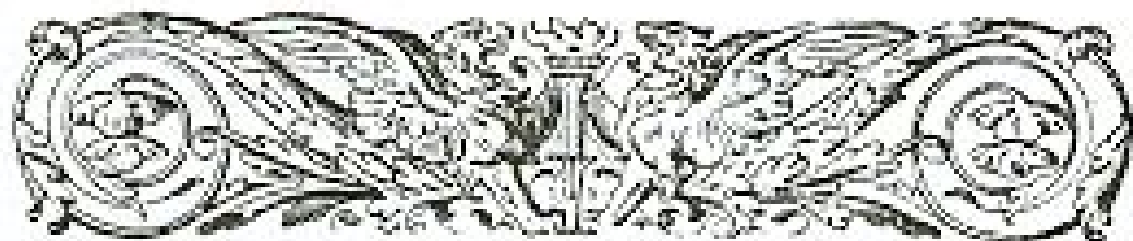
N. 23



BAHIA

Typ. e Encadernação — «Empreza Editora»
80 — Rua do Corpo Santo — 80

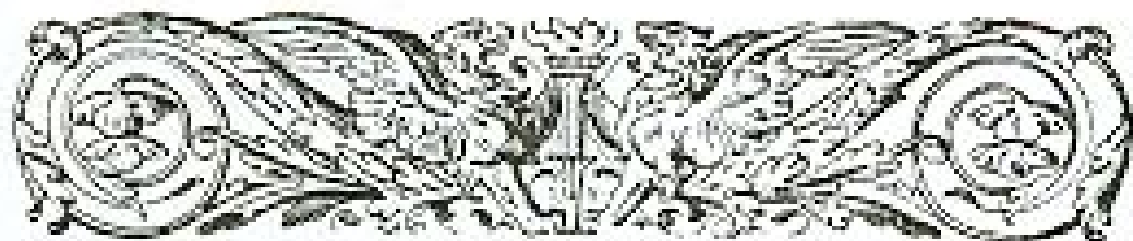
1900



Descoberta do Brazil ao acaso

Partiu de Belém no dia 9 de Março de 1500 a frota commandada por Pedro Alvares Cabral, com destino a Calecut, levando como Immediato e seu successor no caso de fallecer, Simão de Miranda d'Azevedo. Capitães das náos:—Bartolomeu Dias já conhecido por ter dobrado o Cabo da Bóia-Esperança, levando em sua companhia seu irmão Nicolau Coelho, que tinha acompanhado Vasco da Gama tambem na viagem da India; Sancho de Toar (hespanhol) e Pero de Athayde; estes quatro erão os Capitães das náos, levando outros em os navios menores.

Para feitor da Armada e da Carga Ayres Correia devendo dirigir logo que chegasse a Calecut a feitoria, levando consigo toda a familia, e este na qualidade de Feitor-Mór levou como Escrivães Pero Vaz Caminha, Gonçalo Gil Barboza, Diogo de Azevedo e Affonso Furtado.



Descoberta do Brazil ao acaso

Partiu de Belém no dia 9 de Março de 1500 a frota commandada por Pedro Alvares Cabral, com destino a Calecut, levando como Immediato e seu successor no caso de fallecer, Simão de Miranda d'Azevedo. Capitães das náos:—Bartolomeu Dias já conhecido por ter dobrado o Cabo da Boa-Esperança, levando em sua companhia seu irmão Nicolau Coelho, que tinha acompanhado Vasco da Gama tambem na viagem da India; Sancho de Toar (hespanhol) e Pero de Athayde; estes quatro erão os Capitães das náos, levando outros em os navios menores.

Para feitor da Armada e da Carga Ayres Correia devendo dirigir logo que chegasse a Calecut a feitoria, levando consigo toda a familia, e este na qualidade de Feitor-Mór levou como Escrivães Pero Vaz Caminha, Gonçalo Gil Barboza, Diogo de Azevedo e Affonso Furtado.

D'estes quatro o mais illustrado era Pero Vaz Caminha, que contrariado em razão do casamento de uma filha com Jorge de Soiro, abandonou o norte de Portugal, onde residia, e accellou o cargo de Escrivão na feitoria de Calecut.

Um dos homens mais considerados por lettras e sciencias era o Bacharel Mestre João physico Cirurgião de Sua Alteza, e que não contente em professar a medicina, tambem entendia um pouco de astronomia applicada á navegação.

Como missionario para catechese dos indios, escolheu El-Rei alguns frades franciscanos e por-guardião Frei Henrique Soares, que depois foi Bispo de Ceuta, e alguns clerigos de missa, com seu vigario, para administrarem os Sacramentos.

O resto da tripulação entre marinheiros e soldados era de 1200 pessoas, todos voluntarios, e fóra a tripulação seguiram mais vinte degredados.

Carta escripta por um piloto portuguez companheiro de Cabral na viagem à India

«No anno de 1500 mandou o Serenisimo Rei de Portugal D. Manoel huma armada de doze náos (1) e navios para as partes da India, e por seu Capitão Mór Pedro Alvares Cabral, Fidalgo da sua casa as quaes partirão bem apparelhadas, e providas de necessario para anno e meio de viagem.

(1) Falta uma, pois eram 13.

Dez d'estas náos levaram instrucções de hir a Calicut e as duas restantes a um lugar chamado Çofala para onde as outras dez hião carregadas.

Em um domingo 8 de Março d'aquelle anno, estando tudo prestes, sahimos a 2 milhas de distancia de Lisboa a um lugar chamado Rastello, aonde está o convento de Belém, e ahi foi El-Rei entregar pessoalmente ao Capitão Mór o Estandarte Real para a dita Armada.

No dia seguinte levantamos ancoras com vento prospero, e aos 14 do mesmo mez chegamos as Canarias: aos vinte e dous passamos Cabo Verde e no dia seguinte esgarrou-se uma náo da Armada, por formia tal, que não se soube mais d'ella (2). Aos 24 de Abril que era uma 4.^a feira do Oitavario da Paschoa, houvemos vista de terra; com o que tendo todos grandissimo prazer, nós chegamos á ella para reconhecer, e achando-a muito povoada de arvores e de gente que andava pela praia, lançamos ancora na embocadura d'um pequeno rio.

O nosso Capitão mór mandou deitar fóra um batel, para ver que povos erão aquelles, e os que n'elle foram acharam uma gente parda, bem dispostos, com cabellos compridos; andavam todos nós sem vergonha alguma, e cada um d'elles trazia o seu arco com frexas, como quem estava alli para defender aquelle rio; não havia ninguem na Armada que entendesse a sua linguagem, de sorte que vendo isso os dos bateis, tornaram para Pedro Alvares, e no

(2) Navio de Vasco de Athaide.

em tanto se fez noute, e se levantou com ella um rijo temporal.

Na manhã seguinte corremos com elle a costa para o Norte, estando o vento S. E. até vêr se achavamos porto aonde podessemos abrigar e surgir; finalmente achamos um aonde ancoramos e vimos d'aquelles mesmos homens, que andavam pescando nas suas barcas; um dos nossos bateis foi ter aonde eilés estavam e apanhou dous que trouxe ao Capitão mór para saber que gente erão; porém, como dissemos, não se entenderam por fallas nem mesmo por acenos, e assim tendo-os retido uma noute comsigo os poz em terra no dia seguinte, com uma camisa, um vestido e um barrete vermelho, com o que ficaram muito contentes e maravilhados das cousas que lhes havião sido mostradas.

No dia 26 de Abril, que era no Oitavario da Paschoa, determinou o Capitão mór de ouvir Missa; e assim mandou armar uma tenda n'aquella praia, e debaixo d'ella um Altar, e toda a gente da Armada assistio a Missa, como a pregação, juntamente com muitos dos naturaes, que bailavam e tangião nos seus instrumentos; logo que acabou, voltamos aos navios, e aquelles homens entravam no mar até os peitos, cantando e fazendo muitas festas e folias.

Depois de jantar tornou á terra o Capitão mór e gente da Armada para esparecer com elles; e achamos n'este lugar um rio de agoa doce. Pela volta da tarde tornamos ás náos, e no dia seguinte determinou-se fazer agoada e tomar lenha; pelo que fomos todos a terra, e os naturaes vieram connosco, para ajudar-nos.

Alguns dos nossos caminharam até uma povoação onde elles habitavam, cousa de tres milhas distante do mar, e trouxeram de lá papagaios, e uma raiz chamada inhame, que é o pão de que alli uzão, e algum arroz; dando-lhes os da Armada cascaveis e folhas de papel em troca do que recebião. Estivemos n'este lugar cinco ou seis dias; os homens, como já dissemos, são baços, e andão nus sem vergonha, tem os seus cabellos e grandes e a barba pellada; as palpebras e sobrancelhas são pintadas de branco, negro, azul, ou vermelho; trazem o beijo de baixo furado, e mettem-lhe um osso grande com um prego; outros trazem uma pedra azul ou verde e assobião pelos ditos buracos; as mulheres andão igulmente nuas, são bem feitas de corpo, e trazem os cabellos compridos. As suas casas são de madeira cobertas de folhas e ramos de arvores, com muitas columnas de páo pelo meio, entre ellas e as paredes pregão redes de algodão, nas quaes pode estar um homem; e de cada uma d'estas redes fazem um fogo, de modo que n'uma só casa pôde haver quarenta ou cincoenta leitos armados á moda de teares. N'esta terra não vimos ferro nem outro algum metal, e cortão as madeiras com uma pedra; tem muitas aves de diversas castas, especialmente papagaios de muitas côres e entre elles alguns do tamanho de gallinhas, e outros passaros muito bellos, das pennas dos quaes fazem os chapéus e barretes de que usão. A terra é muito abundante de arvores, e de aguas, milho, inhame e algodão; e não vimos animal algum quadrupede; o terreno é grande, porém não podemos saber se era ilha ou terra firme, ainda

que nos inclinamos á esta ultima opinião pelo seu tamanho; tem muito bom ar; os homens usão de rêde e são grandes pescadores; o peixe que tirão é de diversas qualidades, e entre elles vimos um que podia ser do tamanho de um tonel mais comprido e todo redondo, a sua cabeça era do feitio de um porco, os olhos pequenos, e sem dentes, com orelhas compridas; pela parte inferior do corpo tinha varios buracos e a sua cauda era do tamanho de um braço; não tinha pés, a pelle era da grossura de um dedo, e a sua carne gorda e branca como a do porco. Nos dias que aqui estivemos determinou Pedro Alvares fazer saber ao nosso Serenissimo Rei o descobrimento d'esta terra, e deixar n'ella dous homens condemnados a morte, que traziamos na Armada para este effeito; e assim despachou um navio que vinha em nossa companhia carregado de mantimentos (3), além dos doze sobreditos, o qual trouxe á El Rei as cartas em que continha tudo quanto tinhamos visto e descoberto.

Despachado o navio sahio o Capitão em terra, mandou fazer uma cruz de madeira muito grande e a plantou na praia, deixando, como já disse, os dous degraçados n'este mesmo lugar, os quaes começaram a chorar, e foram animados pelos naturaes do paiz, que mostravam ter piedade d'elles. (4)

No outro dia, que'erão 2 de Maio, fizemo-nos á vela para ir demandar o Cabo da Boa-Esperança, achando-nos então engolphados no mar mais de 1200 legoas

(3) O navio de Gaspar de Lemos.

(4) Nada diz de observação de Mestre João.

de 4 milhas cada uma; e aos 12 do mesmo mez seguindo nosso caminho nos appareceu um cometa para as partes da Ethiopia, com uma cauda muito comprida, o qual oito ou dez noites a fio; em fim quando se contavão vinte do mez navegando a Armada toda junta, com bom vento as velas em meia arvore e sem traquetes por causa de uma borrasca, que tinhamos tido em o dia antecedente, veio um tufão de vento tão forte e tão de subito por diante, que o não percebemos sinão quando as velas ficaram cruzadas nos mastros; n'este mesmo instante se perderam 4 náos com toda a sua matalotagem, sem se lhe poder dar soccorro algum; e as outras 7 que escaparam estiveram em perigo de se perderem, e assim fomos aguentando o vento com os mastros, e velas rotas, e a Deus misericordia todo aquelle dia: o mar embraveceu-se por tal maneira que parecia levantar-nos ao Céu; até que o vento se mudou de repente e posto que a tempestade ainda era tão forte que não nos atreviamos a largar as velas; ainda assim navegando sem ellas, perdemos uns dos outros de modo, que a Capitanea com duas oútras náos tomaram um rumo, outra chamada El-Rei com mais duas tomaram outro; e assim passamos esta tempestade vinte dias consecutivos, sempre em arvore secca, até que em 16 do mez de Junho houvesmos vista da terra da Arabia, onde surgimos; e chegados a costa podemos fazer uma boa pescaria.

O original d'este escripto não existe e foi traduzido para o portuguez das obras de João Baptista

Ramuzio, por terem muita semelhança com os escriptos dos dois historiadores portuguezes Barros e Catanheda, encontrando-se tambem na obra de Cadamosto, sendo vertida em Latim por Archangelo Madrignano: A viagem de Cabral foi escripta por um piloto portuguez cujo nome ignora-se, o qual tendo acompanhado Cabral foi testemunha occular de quasi todos os factos a que se refere. Parece que os nossos historiadores tiveram pouco ou nenhum conhecimento d'este escripto que anda impresso em algumas das antigas colleccões de viagens, e o erudito Abbade Barboza em sua Bibliotheca Lusitana attribue ao mesmo Pedro Alvarés Cabral a autoria d'esse escripto, o que não deixa de ter razão pela semelhança que n'esta se encontra com a carta de Pero Vaz Caminha escripta de Santa-Cruz ao Rei de Portugal por ordem do Almirante dando parte do feliz achado. Caminha escrevendo ao Rei de Portugal (e desculpa-se em não encontrar S. Magestade n'esse documento), informação alguma dá em referencia a navegação, porque não sendo piloto, outros o foram com mais competencia. O roteiro do Piloto que acompanhou Cabral em toda a sua viagem á India, n'elle não se declara coisa alguma em referencia a navegação, prima pela ignorancia completa das obrigações que competem ao mais rude dos pilotos.

A divisão dos dias pelas horas não se encontra n'essa derrota, nem em outras semelhantes, falta esta que se nota tambem na derrota de Vasco da Gama; naturalmente por falta de relogios ignoravam o calculo para obter a hora a bordo.

Na derrota do Piloto não dá a hora da saída de Lisboa, nem mesmo quando avistaram terra da America.

As Latitudes e Longitudes não as tinham senão estimadas, e erão tão disparatadas, como mostra a carta do Mestre João, escripta de Santa Cruz a El-Rei D. Manoel.

Mestre João era o unico homem que entendia um pouco de astronomia applicada á navegação.

Carta de Mestre João, Physico de El-Rei, para o mesmo Senhor, de Vera Cruz, ao 1.º de Maio de 1500

«Senhor.—O bacharel mestre Johan fisico e cirurgiano de vosa alteza besa vossas reales manos, porque de todo lo aca pasado largamente escriviron a vosa alteza asy Arias correa como todos los otros solamente escrevire dos puntos senor ayer segunda feria que fueron 27 de Abril decendymos en terra yo e el pyloto do capytan moor e el pyloto de Sancho de tovar e tomamos el altura del sol al medyo dya e allamos 56 grados e la sombra era septentrional por lo qual segund las reglas del astrolabio jugamos ser afastados de la equinocial por 17 grados e por consyguiente tener el altura del polo antartico en 17 grados segund que es magnifiesto en el espera e esto es quanto alo uno por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adyante de my e entanto que Pero escobar va adyante 150 leguas e otros mas e otros menos pero quien dyse la verdade non se puede certyficar fasta que en boa ora allegemos al cabo de boa esperanza e ally sabremos quien va mas cierto

ellos con la carta o yo con el astrolabio, quanto Señor al sytyo desta terra mande vosa alteza traer un mapamundy que tyene pero vaay bisagudo e por ay podra ver vosa alteza el sytyo desta terra en pero a quel mapamundy non certifica esta terra ser habitada o no es mappamundi antiguo e aily fallira vosa alteza escrita tan byen la myna, ayer casy entendymos por asenõs que esta era ysla e que eran quatro e que de otra ysla vyenen aqui almadyas a pelear con ellos e los llevan calyvos, quanto Señor al otro puncto sabra vosa alteza que cerca de las estrellas yo he trabajado algo de lo que he podydo pero non mucho a cabsa de una pyerna que tengo mui mala que de una cosadura se me ha fecho una chaga mayor que la palma de la mano, e tanbyen a cabsa de este navio ser mucho pequeno e mui cargado que non ay lugar para cosa niñuna solamente mando a vosa alteza como estan situadas las estrellas del, pero en que grado esta cada una non lo he podido saber, antes me parece ser impossible en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el navio enbalance se yerran quatro o cinco grados de guiza que se non puede fazer synon en terra e otro tanto casy dygo de las tables de la Indya que se non pueden tomar con ellas sy non con mucho trabajo, que sy vosa alteza supuese como desconcertavan todos en las pulgadas reyria dello mas que del astrolabio por que desde lisboa ste as canarias unos de otros desconcertavan en muchas pùlgadas que unos desyan mas que otros tres e quatro pùlgadas e otro tanto desde las canarias

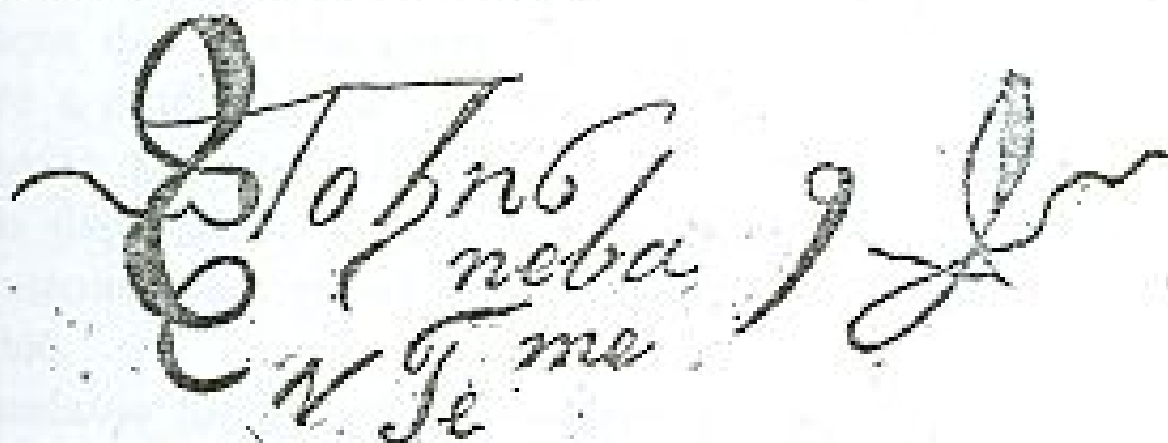
até as yslas de cabo verde e esto resguardando todos que el tomar fuese a una mesma ora de guisa que mas jugavam quantas pulgadas eran por la quantydad del camino que les parecia que avyan andado quenon el camino por las pulgadas,



LÁ BOSYA

tornando Senor a proposito estas guardas nunca se esconden antes syenpre andan en de redor sobre el horizonte, e a aun esto dudoso que no se qual de aquellas dos mas baxas sea el polo antartico, e estas estrellas principalmente las de la cruz son grandes easy como las del carro e la estrella del

polo antartyco o sul es pequena como la del norte e mui clara, e la estrella que esta en riba de toda la crus es mucho pequena, non quiero mas alargar por non ynportunar a vossa alteza salvo que quedo rogando a nosso senhor ihesu christo la la vyda e estado de vossa alteza acresciente J como vossa alteza desea. Fecha en vera crus a primero de Maio de 500 pera la mar mejor es regyrse por el altura del sol que non por ninguna estrella e mejor com estrolabio que non con quadrante dia conotro ningud esturmento do criado de vossa alteza e vosso leal servidor,



Sobrescripto: A el Rey noso senhor.»

A carta do Physico mór Mestre João mostra claramente os disparates das observações, quando ião na Armada Capitães experimentados em navegação, como Bartholomeu Dias, já conhecido por ter dobrado o Cabo da Bôa Esperança, Nicolau Coelho que fez a viagem á India com Vasco da Gama, e outros que n'aquella epoca gozavão de reputação de grandes Capitães.

Diz mais Mestre João que descendo em terra no

porto de Santa Cruz para observar a Latitude com o seu astrolabio achou 17 grãos Sul; deu portanto essa observação 43 milhas, differença a mais para o sul, indo os outros pilotos adiante 150 leguas uns mais e outros menos; quer dizer que estando a frota ancorada em Santa Cruz 16 grãos e 17 minutos e Latitude Sul os outros pilotos se julgavam em 24 grãos e outros mais.

Diz mais Mestre João na carta escripta a El-Rey de Portugal, ser impossivel tomar as alturas das estrellas no mar, porque dão muito trabalho e com os balanços dos navios apresenta uma differença de quatro a cinco grãos e o mesmo acontece trabalhando pelas taboas da India que davão o mesmo resultado disparatado e que se S. Alteza soubesse como desconcertão, ria-se d'ellas mais do que do Astrolabio.

O Astrolabio foi inventado em Portugal no tempo de D. João 2.^o pelos Mestres Rodrigo e José, seus medicos, e por Martins da Bohemia, discipulo do grande João do Monte-Regio, e por meio d'este instrumento, feito a principio de pão, foi que os Portuguezes apprehenderam os descobrimentos das terras incognitas.

Os instrumentos que substituiram este em que no mar se observava o sol, eram o Annel graduado, a Balestilha, o quadrante de dois arcos e o quadrante de um só arco, porém todos imperfeitos e sem a menor exactidão.

E no entanto ha ainda quem duvide da descoberta do Brazil ao acaso!

Emquanto a carta ou roteiro pelo piloto portuguez

que dizem ter sido testemunha occular e companheiro de Cabral em toda a sua viagem, este documento é de tal natureza que não perderei tempo com a continuação de sua leitura, por julgal-o escripto por quem não tem o menor conhecimento da arte do mar, e destituído de bom senso, e para o affirmar citarei um só ponto, e esse mais que sufficiente para se avaliar a sua exactidão:

« No dia 20 de Maio navegando a Armada toda reunida, com bom vento e as velas em meia arvore e sem traquetes por cauza de uma borrasca, que tinha tido no dia antecedente, veio um tufão de vento tão forte e tão de subito por deante que não percebemos, senão quando as velas ficaram cruzadas nos mastros; e n'esse mesmo instante se perderam quatro das nossas naos com toda sua matalotagem sem se lhe poder dar soccorro algum, e as outras sete que escaparam estiveram em perigo».

Será possível que um piloto que vai na frota ignore os nomes dos navios que se submergiram e os que se salvaram sem d'elles fazer menção em seu diário ou derrota, pois na continuação da mesma derrota nada diz e explica, e só depois da chegada a Moçambique, aos 20 dias do mez de Julho, aonde fizerão aguada e tomaram um piloto que os conduzisse a Quilloa, e chegando a este porto a 26 do dito mez ahí se juntaram seis dos navios extravitados, porém os outros nunca mais se encontraram.

Só um facto destes é mais que sufficiente para se reputar tal escripto como improcedente.

Damos em seguida o Roteiro da viagem de Vasco da Gama em 2.^a edição, por Alexandre Hiercu-

lano, e o Barão de Castello de Paiva, na parte em referencia ao Brazil.

«Em nome de Deus, Amen. Na era de mil e quatrocentos e noventa e sete, mandou El-Rei D. Manoel, primeiro d'este nome em Portugal, a descobrir, quatro navios, os quaes navios hião em busca de especiarias, dos quaes navios hia por Capitão moor Vasco da Gama, e de outros de um d'elles Paulo Gama e seu irmão, e de outro Nicollao Coelho.

Partimos de Restello n'um sabbado, que eram oito dias do mez de Julho da dita era de 1497, noso caminho, que Deus noso senhor deixe acabar em seu serviço. Amen.

Primeiramente chegamos ao sabado seguinte a vista das Canarias, e esã noite passamos a sotavento de Lançerote, e a noite seguinte amanhecemos com a Terra Alta, onde fizemos pescaria obra de duas oras, e logo esta noite em anoutecendo eramos atravez do Rio do Ouro;

.....
e de noite foi tamanha a serração que se perdeu Paulo da Gama por um lado e pelo outro o Capitão Mor.

E depois que amanheceu non ouvemos vista d'elle nem dos outros navios e nós fizemos caminho das Ilhas de Cabo Verde como tinhâmos ordenado, que quem se perdesse que seguisse a rota.

Ao amanhecer no dia seguinte Domingo ouvemos vista da Ilha do Sall, e logo depois de uma hora ouvemos vista de tres navios, os quaes fomos de mandar e achamos a Náo de mantimentos e Nicolao Coelho e Bartulameu Dias que hia em nossa companhia ate a Mina, os quaes tambem tinham perdido o Capitão Mor. E depois de sermos juntos seguimos nossa derrota, e faleceu-nos o vento e andamos em calmaria ate quarta feira pela manhan. E as 10 horas do dia ouvemos vista do Capitão Mor, avante nós obra de 5 legoas, e sobre a tarde nos vimos a falar com muita alegria onde tiramos muitas bombardas e tangemos trombetas e tudo com muito prazer pello termos achado.

A 27 chegamos a Ilha de Santiago aonde pouzamos na praia de Santa Maria com muito prazer e folgar e alli tomamos carne, agoa e lenha e carregando as vergas dos navios por que nos era necessario.

Partimos no dia 3 de Agosto com proa a Este, hindo um dia ao Sul e quebrou-se a verga ao navio do Capitão Mor, e no dia 18 de Agosto serião 200 legoas da Ilha de Santiago, paíramos com o traquete e papafigos dois dias e uma noite.

No dia 22 de Agosto hindo na volta do mar ao Sul quarto de Sudoeste achamos muitas aves feitas como garções e quando veio a noite tiravam contra o sul-Sueste muito rijas como aves que hião para terra. e a noite do mesmo dia vimos uma balea e isto a 500 legoas em mar.

No dia 27 de Outubro vespera de S. Simão e Judas, que era sexta feira achamos muitas babas e lobos, e em 7 de Novembro achamos signaes de terra.

.....

Se no dia 3 de Agosto partiram da Ilha de Santiago com proa de Este indo um dia a volta do Sul quando se quebrou a verga do navio capitanea, elles navegavam proximo a Africa, e seria isto mais correcto por irem em companhia de Bartholomeu Dias, já conhecedor de toda a costa até o Cabo de Boa Esperança.

Não seria de bom conselho abandonar um caminho já conhecido para se engolfarem no meio do Oceano em tão frageis embarcações com agulhas falsas que não marcavam o verdadeiro rumo e sem os instrumentos precisos para bem navegar.

No dia 18 de Agosto suppunhão achar-se a 200 legoas de distancia da Ilha de Santiago a pairar com traquetes e papafigos dois dias e uma noite.

Pairar quer dizer esperar, e, por quem esperavam elles, era naturalmente por Bartholomeu Dias.

Em 22 de Agosto hindo na volta do mar ao Sul quarto de Sudoeste *quer dizer que vinhão de proximo a terra* e acharam muitas aves parecidas com grandes garças e quando veio a noite seguirão contra o Sul-Sueste muito rijas como aves que hião para terra em 800 legoas ao mar.

Navegando a frota costeando Africa como indicavam o vôo das aves, reforçarei esta minha affirmativa pelo roteiro de navegação e regimento de pilotos do cosmographico mór do Reino Antonio de Mariz Carneiro, publicado em 1642, e diz: «o descobrimento da India por Vasco da Gama em 1497 no tempo de El Rei D. Manoel se fez costeando a Costa de Guiné e e Angola e chegou ao Cabo de Boa Esperança aonde acabou-se-lhe a terra austral pela qual tantos dias

havia navegado, guiado mais por Deus Nosso Senhor que por roteiro»

Pedro Nunes, grande astrónomo d'aquelle tempo, e autor do instrumento que o Infante D. Luiz presenteou a D. João de Castro em 1538 para observar a variação da agulha, diz na sua Definição da Carta de Marear que os descobrimentos de costa, ilhas e terras firmes, não se fizeram ainda a acertar.

Ha alguns escriptores que affirmão existir uma relação da viagem escripta por Vasco da Gama, mas não declaram em nenhuma de suas obras, por que modo a alcançaram e Alexandre Herculano contesta e diz que a relação de Gama é um sonho bibliographico, pois esta relação nunca existiu, nem existe, e pelo menos enquanto não apparecer é licito duvidar de sua existencia.

Esta minha conferencia tem por fim principal mostrar em toda a evidencia o accaso da descoberta do Brazil.

Tem havido quem affirme que Vasco da Gama, intimo amigo de Cabral, lhe communicara que no dia 22 de Agosto encontrara aves de feitio de grandes garças dando-lhe o nome de garções, e que ao anoitecer voavão contra o rumo de S. Sueste muito rijas como aves que se dirigião para terra.

Nada mais natural e verdadeiro do que as aves ao anoitecer caminharem para terra ao rumo de S. Sueste porque seria essa a sua verdadeira direcção, porém é uma torpe invenção em que o grande navegador d'aquelle epocha chamado Vasco da Gama communicasse ao seu amigo Cabral semelhante disparate; e qual o interesse para Cabral saber que para o Sul-

Sueste existia Africa, o que elle não ignorava, provando isto mais uma vez de que a frota de Gama navegava proxima da Costa em que as aves geralmente não se separão a grandes distancias.

Sendo impossivel marcar a verdadeira posição em que achava-se a frota de Gama, por falta de Latitude e Longitude verdadeiras, e até mesmo as distancias, a verdade é que as aves se dirigião ao anoitecer para o continente africano, indicando, portanto, signaes de terra.

Em uma conferencia feita no Retiro Litterario Portuguez pelo Dr. Augusto de Carvalho affirma este senhor, quando disse que a direcção que seguiram ao anoitecer, indicavão terras para os lados do Oeste, que serviu de signal para que Cabral descobrisse o Brazil propositalmente; isto só poderia ser affirmado por quem desconheça completamente a carta geographica e ignore os rumos da Agulha, em que a direcção de Sul Sueste são 22 grãos e 30 minutos do Sul para Este, e que só serviria a quem não quizesse procurar terras para o Oeste!!!!

E, se se levar em conta a variação da Agulha que é na parte d'essa Costa de 18 grãos NO, ignorada n'esse tempo pelos navegadores, porque certamente o rumo marcado seria o da bussola, com esta differença as aves caminhavão cada vez mais para Leste.

O Dr. Augusto de Carvalho n'essa conferencia quix imitar o escripto, que no Instituto Historico leu o Sr. Barão de Sant'Anna Nery, e publicado no *Jornal do Commercio*; porém, este como mais sagaz, vendo que o rumo do roteiro de Vasco de Gama não lhe convinha para o fim que tinha em vista, o substituiu

pelo rumo do Sul-Sudoeste, isto é, 45 grãos de diferença do rumo do roteiro; porém, quando se pudesse admittir que se tivesse visto aves voando na direcção de S. SO., ellas não encontrarião terra n'essa direcção em costa banhada pelo Oceano.

Se a frota de Vasco da Gama em lugar de navegar proximo a Africa tivesse engolfando-se no Oceano de 10 a 15 grãos para o Oeste, poderia em outras latitudes encontrar aves voando de encontro ao S. SO., e mesmo Oeste, sem contudo mostrar terras do Brazil e sim as ilhas oceanicas de Assumpção, Santa Helena e Tristão da Cunha, que não erão conhecidas dos navegadores d'aquella epocha, porque só depois de 1500 é que foram descobertas.

A primeira dista da costa do Brazil pela latitude de Olinda 1227 milhas e a segunda, Santa Helena, pela latitude de Belmonte (Bahia) 1991 e a ultima, Tristão da Cunha, pela latitude da Patagonia 2735; já se vê, pois, que em tão grandes distancias é impossivel o vôo das aves que não se separam da terra a distancia maior de 60 milhas; existe, é verdade, a garça real e outras aves de arribação, que transportão-se a grandes distancias e passão ás vezes de um continente para outro, porém sempre vendo terra.

Emquanto o proprio roteiro da viagem de Vasco da Gama, não tem valor algum historico por ter sido escripto á vista de documentos imaginarios, e desconhecidos seus autores, como affirma o proprio autor do roteiro em o prologo da 1.^a edição, paginas XXVI, linha 17: «Quem porém fosse o autor do nosso manuscripto é que não pudemos alcançar.

Do contexte da obra se colhe que não era nenhum

dos Capitães, nem dos Pilotos dos navios, mas sim de um simples soldado ou marinheiro que pertencia a tripulação do navio de Paulo da Gama, irmão do Almirante. . . . Mais adiante diz: «que Castanheda na sua Historia dos Descobrimentos nos conservou os nomes de alguns d'elles, nomeando a Diogo Dias, escrivão de V. da Gama, Fernão Martins, o seu veador (cujo nome não aponta), João de Sá, escrivão de Paulo da Gama, um marinheiro chamado Gonçalo Pires, Alvaro Velho e Alvaro de Braga, escrivão de Nicoláo Coelho.»

O roteiro traçado em um pequeno Mappa tambem não é a expressão da verdade, como affirmam os seus autores na 2ª edição a paginas 10, linhas 16—: «Reproduzindo n'esta 2ª edição o Mappa da derrota da Armada, cumpre advertir que embora essa derrota seja em grande parte conjectural, e quanto possivel a reproducção graphica da narrativa a mesma derrota» . . .

Desculpe-me a memoria d'este grande escriptor que se chamou Alexandre Herculano, que tanto illustrou a sua patria,—que na ausencia dos trez principaes elementos, que são latitude, longitude e distancias que não existião, nem mesmo o roteiro as menciona, é impossivel traçar uma derrota de navegação.

Assim tambem é mal applicado o nome de roteiro ao livro da viagem de Vasco da Gama; porque roteiro significa a viagem minuciosa do navegador com os pontos de partida e chegada a cada singradura, e todas as occurrencias que n'ella se dão, e nós encontramos n'esse livro uma ausencia completa d'essa

navegação desde o dia 22 de Agosto em que encontraram as taes garças, e d'este ponto passa a 7 de Novembro, em que encontraram signaes de terra.

Que destino teve a frota durante 2 mezes e meio que o roteiro nada diz por onde navegaram ?

A verdade é que a frota navegou durante o tempo que deixa de mencionar o roteiro, costeando a parte occidental da Africa, e não poderia deixar de o fazer, por ser essa uma navegação já conhecida até o Cabo da Boa Esperança pelo grande explorador Bartholomeu Dias, que acompanhou Vasco da Gama até a costa de Mina, e seria um grande erro engolpárem-se em um mar desconhecido, com grande perigo para a frota em tão frágeis embarcações.

Na ultima sessão do Instituto Historico do mez de Novembro de 1899 foi offerecido um folheto com o titulo «Descobrimto do Caminho Maritimo da India» e publicado para o Centenario em 1897 a 1898 pelo bibliothecario publico de Goa, professor de economia politica e socio da Academia de Sciencias de Lisboa, o Sr. J. A. Ismael Garcia, e copiando o roteiro de Alexandre Herculano, e Barão do Castello de Paiva, discorda em quanto o dia 3 de Agosto (Quinta-feira) e diz: «a 3 de Agosto partiram de S. Thiago para Este e foram rodeando a parte occidental de Africa» —no impresso a paginas 10 e linha 12.

Finalmente para que o pesquisador chegue á verdade dos factos, encontra grande difficuldade pelo desencontro de opiniões de varios escriptores em referencia ás navegações feitas desde 1497 a 1500, e, para que possa-se avaliar, apresentarei o seguinte facto,—o dia da chegada de Vasco da Gama a Lisboa

foi de grande regosijo publico, festivo e de gala pela recepção do grande Almirante á sua viagem á India.

Diz João de Barros que nasceu pelo anno de 1496 e foi moço da Camara de El-Rei D. Manoel, tendo sido empregado na casa da India desde 1528 á 1567 em que renunciou o lugar,—na sua primeira decada impressa em 27 de Junho de 1532, em o livro quarto, que Vasco da Gama sahio da Ilha Terceira a 29 de Agosto, e chegou ao porto de Lisbôa não dizendo quando; e apresentando a duvida se a 29 de Agosto foi a sahida da Ilha Terceira ou chegada a Lisbôa.

Damião de Góes que nasceu em 1501 e nomeado Guarda Mór da Torre do Tombo, encarregado pelo Cardeal D. Henrique de compôr a chronica de El-Rei D. Manoel, diz ter chegado a Lisbôa aos 29 dias do mez de Agosto do anno de 1499, havendo já 2 annos e quasi 2 mezes que partiu do mesmo porto.

Castanheda que foi historiador muito consciencioso, em seu livro que foi impresso em 1551 indica a chegada de Vasco da Gama ao porto de Lisbôa a 9 de Setembro de 1499.

Antonio Galvão que viveu na 1ª metade do seculo de 1600 e foi governador das Molucas, escrevendo o tratado dos diversos e desvairados caminhos por onde nos tempos passados se fizeram todos os descobrimentos antigos e modernos, nos affirma que viram as Ilhas de Cabo Verde e a Lisbôa na entrada de Setembro e pozeram vinte e seis mezes d'este caminho, sendo esta a conclusão que pôde colher de

todos os archivos e bibliothecas que examinou e de todos os documentos encontrados.

D. Jeronymo Osorio que seguiu João de Barros não fixa dia nem mez, e contenta-se em designar apenas o anno; e já na passagem da frota de Vasco da Gama em que dobrou o Cabo da Bôa Esperança a 26 de Abril de 1499, quando Alexandre Herculano a dá em 20 de Março.

Alexandre Herculano, tão escrupuloso e severo em assumptos historicos, diz: que foi somente nos ultimos dias de Agosto ou principios de Setembro de 1499 que entrou Vasco da Gama em Lisbôa.

A verdade é que não existe documento algum official e authenticico, nem escripto contemporaneo da chegada do grande Almirante, pois todas as investigações feitas em differentes archivos de Portugal, Madrid e Veneza têm sido infructiferas em referencia a chegada, de volta d'essa viagem, a Lisbôa, em um dia tão festivo e de regosijo popular, nem mesmo documento algum de sua viagem.

A historia das descobertas d'aquella epocha está todas estropeada, pelo grande numero de escriptores que d'ellas se têm occupado, em que cada um imagina tudo quanto entende, uns pela ausencia completa de documentos e outros pela ignorancia que os cerca.

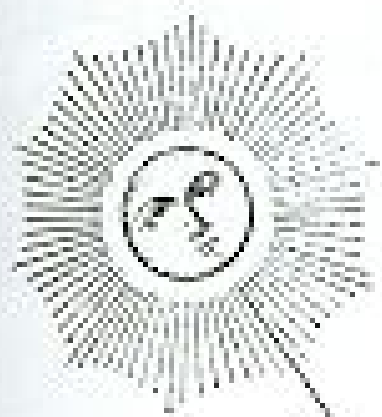
O mesmo caso se encontra a respeito da sahida de Vasco da Gama do porto de Lisboa. Ramuzio, San Roman, Maffei e Laclede attribuem a partida de Vasco da Gama a 9 de Julho de 1497. Antonio Galvão no tratado dos descobrimentos antigos e modernos dá o dia 20. Barrou no seu tratado chro-

nologico em 1761 dá o dia 3, e o Visconde de Santarém elogia a exactidão de um codice existente na Bibliotheca Real de Pariz por apresentar o dia 2 de Junho de 1497.

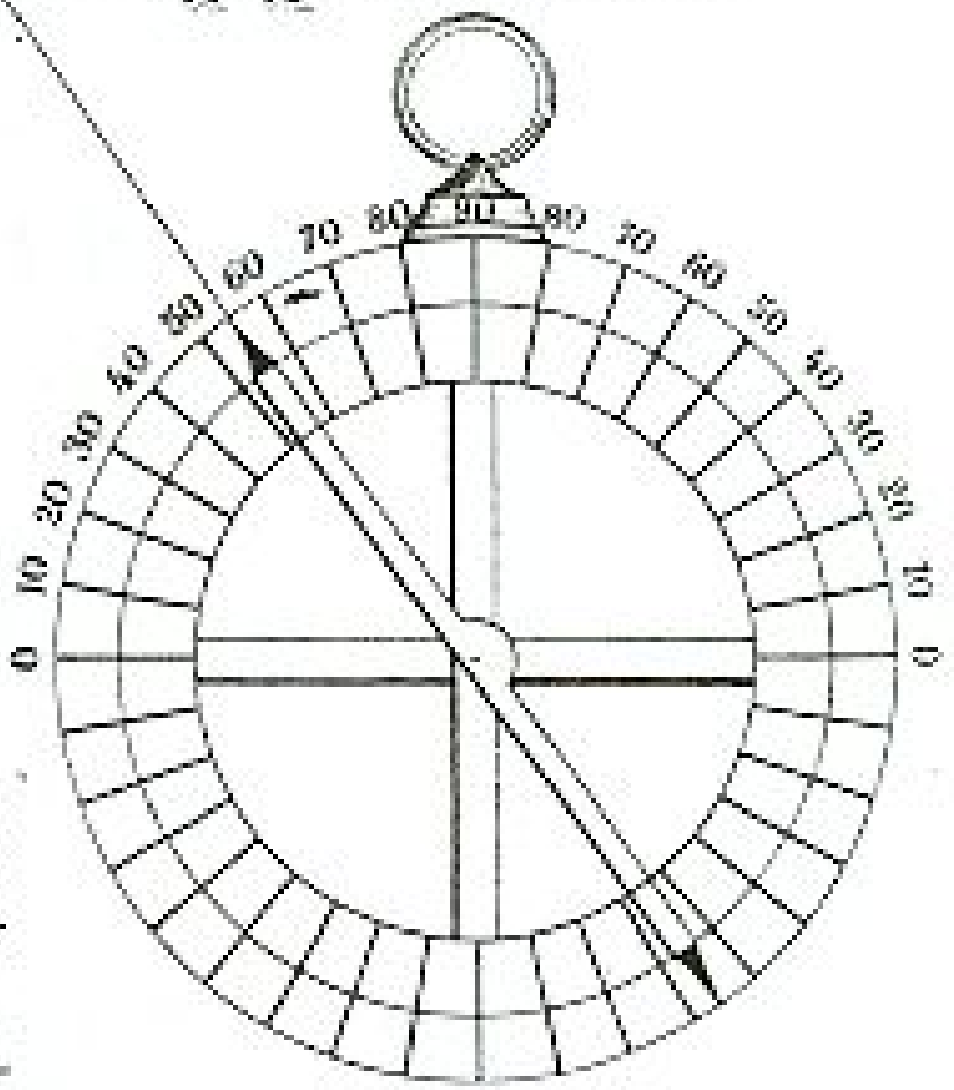
Emquanto á viagem de Pedro Alvares Cabral que descobriu o Brazil ao acaso em 3 de Maio de 1500, são ainda em maior numero os escriptores que têm tratado d'essa viagem, e se não fosse encontrada a Carta de Pero Vaz Caminha escripta a El-Rei D. Manoel, do porto de Vera-Cruz em 1º de Maio de 1500, documento este de grande valor historico e geographico, seria impossivel chegar a um accordo a vista do grande numero de disparates com que cada um escriptor mimozeia o publico.

Rio, Setembro de 1899.

OLIVEIRA CATRAMBY.

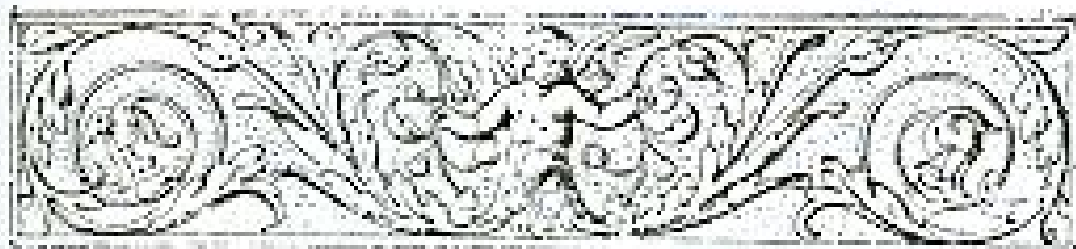


ASTROLABIO



<i>Altura do Sol</i>	<i>56.000</i>
	<i>90.000</i>
<i>Distancia Zênith Sul</i>	<i>34.000</i>
<i>Declinação Norte</i>	<i>17.000</i>
<i>Lat. Sul</i>	<i>17.000</i>

Observação feita em 7 de Maio de 1500 por Mestre João Phisico de El-Rei D. Manoel no Porto de Vera Cruz.



Carta de um piloto portuguez

SOBRE A

DESCOBERTA DO BRAZIL

Bahia, 21 de Fevereiro de 1900.

Illm. Exm. Sr. Dez. Dr. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia.—Passo ás mãos de V. Ex. a traducção da carta d'um piloto portuguez, referente á descoberta do Brazil, conforme se lê na pagina 121 do 1º volume da obra de João Baptista Ramuzio, 3ª edição impressa em Veneza no anno de 1563, com privilegio do Serenissimó Pontífice, e do Senado Veneziano; a esta traducção acompanha um mappa geographico do Brazil que separei da mesma obra, per parecer-me digno de ser reproduzido na *Revista* do Instituto.

A carta citada abrange a descripção completa da viagem de Pedro Alvares Cabral ás Indias; desde a sua partida aos 8 dias do mez de Março do anno de 1500 até o seu regresso a Lisbôa.

Aos investigadores da nossa historia patria ali fica mais este documento que pela sua publicação

antiga é digno de commentario, embora seja desconhecido o nome de seu autor.

Terei a satisfação de continuar a traducção da referida carta, e uma vez desempenhado d'esta tarefa, espero ter o ensejo de verter para a nossa lingua as duas importantes cartas, e o itinerario de Americo Vespuccio dirigidas á Pedro Soderini, que se achão estampadas na mencionada obra de Ramuzio, e que devem interessar a historia do achamento do Brazil.

Subscribo-me com alta consideração

De V. Ex.

Venerador e amigo

HORACIO URPIA JUNIOR.

EXPEDIÇÃO À INDIA

SOB O COMANDO DO

Capitão General Pedro Alvares Cabral

E A

DESCOBERTA DO BRAZIL

Extrahida da obra *Vlogens e Navegação* de João Baptista Ramuzo,
editada em Veneza no anno de 1563

VERSÃO PARA A LINGUA PORTUGUEZA

*Navegação do Capitão Pedro Alvares, escripta por um piloto portuguez
e traduzida da lingua portugueza para a italiana*

“Como o Rei de Portugal manda uma armada de 12 navios, Capitão Pedro Alvares, 10 dos quaes ião para Calecut, e os 2 por outro caminho para Cefalla, na mesma rota, para contractar mercadorias, e como descobrirão uma terra muito abundante de arvores e de gente”.

NO ANNO de 1500 mandou o Serenissimo Rei de Portugal Don Manoel uma sua armada de náos e navios para o lado da India, a qual armada se compunha de 12 embarcações entre náos e navios, Capitão General Pedro Alvares, fidalgo, as quaes náos e navios partirão bem apparelhados, e suppridos de tudo necessario que bastasse por um anno e meio, dos quaes ordenou que 10 navios fossem para Calecut, e os outros dois para um outro lugar chamado Cefalla, para querer contractar mercadorias, o qual lugar de Cefalla se divisa achar no mesmo caminho de Calecut, e igualmente as outras 10 embarcações levassem mercadorias que chegassem para dita

viagem, e aos 8 dias do mez de Março do dito anno estavam promptos, e foi no dia de domingo que andarão duas milhas distantes d'aquella cidade para um logar chamado Rastello, onde está a igreja de Santa Maria de Belém, em cujo logar o piroprio Rei em pessoa foi entregar ao Capitão o estandarte real para dita armada. Na segunda feira que foi aos 9 dias de Março seguiu a dita armada com bom tempo a sua viagem. Aos 14 dias do dito mez passava a dita armada pelas ilhas das Canárias. Aos 22 passou pelas Ilhas de Cabo Verde. Aos 24 separou-se uma não da dita armada de maneira que não se soube mais noticias até o presente dia, nem se poude saber. Aos 24 de Abril, oitavo de Paschoa que foi uma quarta feira, teve a dita armada á vista uma terra, do que teve immenso prazer, e arribarão á ella para ver que terra era, a qual acharão muito abundante de arvores e de gente que andavão pela praia do mar, e lançarão ancora na boca d'um rio pequeno, e depois o Capitão mandou arriar um batel no mar, e mandou ver que gente era aquella, e acharão que era gente de côr escura entre o branco e o preto, e bem disposta com cabellos longos e vãos nús, como nascerão, sem vergonha alguma, e cada um d'elles trazia o seo arco com flecha, como homens que estavam de guarda do dito rio; na dita armada não tinha alguem que entendesse a lingua d'elles, á vista d'isto aquelles do batel voltarão para a Capitanea; e n'este tempo se fez noite, na qual noite houve grande borrasca. O dia seguinte pela manhã foi-se a dita armada com um grande temporal, correndo a costa para o norte, o vento era de sueste, para ver se

achavamos algum porto para ancorar de volta; finalmente nós achamos um, onde jogamos ancora, e vimos d'aquelles mesmos homens, que andavão em seus barquinhos pescando; e um dos nossos bateis foi onde estavão, e nós trouxemos dois, os quaes mandamos ao Capitão para saber que gente era, e como foi dito não nos entendíamos por falla nem por aceno, e n'aquella noite o Capitão os deteve consigo, e no dia seguinte os mandou em terra com uma camisa, uma vestimenta, e um bonet vermelho, pela qual vestimenta ficarão muito contentes, e maravilhados das coisas que lhes forão mostradas.

—

“Como os homens d'aquella terra começarão a tratar com aquelles da armada: da qualidade dos ditos homens, e das casas d'elles, e de certos peixes muito differentes dos nossos”

NAQUELLE mesmo dia a 26 de Abril que era oitavo de Pascoa, determinou o Capitão Mór de ouvir-se missa e mandou armar uma tenda n'aquella praia, debaixo da qual foi erguido um altar e toda gente d'armada foi ouvir missa e a predica, onde se acharão muitos d'aquelles homens bailando e cantando com suas cornetas, e logo depois que foi dita a missa todos voltarão para a náó, e aquelles homens de terra entravão no mar até abaixo dos braços cantando e fazendo agrado e festa; e depois tendo o Capitão designado voltar á terra a gente da dita armada conseguirão folgança e prazer com aquelles homens de terra, e começarão a tratar

com aquelles da armada e davão a elles arcos e flechas por chocalhos e folhas de papel e peças de panno, e todo aquelle dia conseguimos folgar com elles outros, e achamos n'este logar um rio de agoa doce e á tarde voltamos a náó. Assim no outro dia determinou o Capitão Mór de trazer agoa e lenha, e todos aquelles da dita armada forão á terra e aquelles homens d'aquelle logar vinhão-nos ajudar a trazer a dita lenha e agoa e alguns dos nossos andarão pela terra d'onde estes homens estavão cerca de 3 milhas distantes do mar, e barganharão papagaios e arcos e uma raiz chamada Inhame, que é o pão que elles outros comião. Aquelles da armada davão á elles chocalhos e folhas de papel em pagamento das ditas coisas, n'este logar estivemos 5 ou 6 dias. Estes outros homens são por natureza de côr cabocla, e partes nuas, sem vergonha, e os cabellos d'elles são longos e usão a barba pellada, e as palpebras dos seus olhos; e por cima das sobrancelhas pinturas com figuras de côr branca, preta, azul e vermelha, e trazem o labio da bocca, isto é, o inferior furado, e ahi (trazem) usão um osso grande como prego, e outros usão ahi ora uma pedra azul e outros ora verde, e elevando-se por cima da bocca. As mulheres igualmente com as partes sem vergonha, são bellas de corpo, e trazem seus cabellos longos e as casas d'elles são de madeira cobertas de folhas e ramos de arvores com muitos esteios de madeira no meio das ditas casas, e d'ahi dos ditos esteios para a (muro) parede mettem uma rêde de tecido de algodão pendurada, na qual está um homem, e entre uma rede e outra fazem um fogo de modo que em

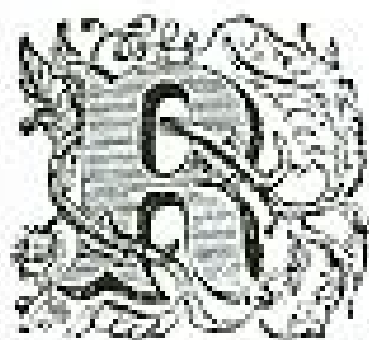
uma só casa estavam quarenta e cincoenta camas armadas a modo de tear. N'esta terra não vimos ferro e faltavão outros metaes, e a madeira rachavão com pedra, e havia muitas aves de diversas especies, especialmente papagaios de muitas côres, entre os quaes uns são do tamanho de gallinhas, e outras aves muito bellas; e das pennas de ditas aves fazem capellas e barretes que elles trazem comsigo. A terra é muito abundante de muitas arvores e muita agoa e milho e inhame e algodão N'este local não vimos animal algum (de quatro pés) quadrupede. A terra é grande e não sabiamos se é ilha ou terra firme, assim acreditamos que fosse terra firme pela sua grandeza, e tem muito bons ares, e aquelles homens tem rêdes e são grandes pescadores, e pescão varias qualidades de peixes, entre os quaes vimos um peixe que pegarão, que poderia ser do tamanho d'uma pipa e bastante comprido e redondo e tinha cabeça como porco e seus olhos pequenos e não tinha dentes e tinha orelhas longas, abaixo do corpo tinha varios furos e a cauda era longa uma braça, não tinha pés alguns em algum lugar, tinha pelle como couro, a qual era de grossura d'um dedo e as suas carnes erão brancas e gordas como de porco.

“Como o Capitão mandou carta ao Rei de Portugal dando-lhe aviso de ter descoberto a dita terra e como por acaso se perderão 4 navios. De Cefalla que é uma mina de ouro conjuncta a duas ilhas”

N'ESTE DIA que estamos em que determinou o Capitão fazer sciente ao nosso Serenissimo Rei o achamento d'esta terra e de deixar n'ella dois homens degradados e condemnados á morte que

se achavão na dita armada para este effeito, e inesperadamente o Capitão despachou um navio d'entre elles, que tivesse viveres comsigo, e este um dos doze supraditos, o qual navio levou a carta para o Rei, na qual se continha quanto tínhamos visto e descoberto. E despachado o dito navio, o Capitão foi em terra e mandou fazer de madeira uma cruz muito grande e a mandou plantar n'aquella praia, e assim como acima ficou escripto deixou 2 homens degradados em o dito logar, os quaes começaram a chorar, e os homens de terra os confortavão e mostravão ter d'elles pena. No outro dia que foi 2 de Maio do dito anno, a armada fez se de vela á caminho para dar volta ao Cabo da Boa Esperança, o qual caminho seria do golfo do Mar para mais de 1200 legoas, que são de 4 milhas por legoa, e no dia 12 do dito mez andando o nosso caminho nos apercebemos d'um cometa para o verso do lado da Ethiopia com um rasto muito grande, o qual appareceu de continuo de veras 8 ou 10 noites.

De como se descobrio Santa Cruz, e a razam por que se deve chamar assim e nam Brazil



SEINANDO aquelle muy catholico e serenissimo Príncipe El-Rei Dom Manoel, fez-se huã frota para India de que hia per capitam mór Pedralvarez Cabral: que foy a segunda navegaçam que fizeram os Portuguezes para aquellas partes do Orfente.

A qual partio da cidade de Lisbõa a 9 de Março no anno de 1500. E sendo já entre as ilhas do Cabo verde (as quaes hião demandar para fazer ali agoada) deu-lhes hum temporal, que foy causa de as não poderem tomar, e dese apartarem algus navios da companhia. E depois de haver bonança junta outra vez a frota, empégaranse ao mar, assi por fugirem das calmarias de Guiné, que lhes podia estovar sua viagem, como por lhes ficar largo poderem dobrar o cabo da boa Esperança. E avendo já hum mez, que hião naquella volta nauegando com vento prospero, foram dar na costa da provincia: ao longo da qual cortaram todo aquelle dia, parecendo a todos que era alguã grande ilha que alli estava sem haver Piloto, nem outra pessõa alguã que tivesse noticia d'ella, nem que prezumissem que podia estar terra firme para aquella parte Occidental. E no lugar que lhes pareceu della mais accomodado, surgiram aquella

tarde, onde logo tiveram vista da gente da terra: de cuja semelhança nam ficáram pouco admirados porque era differente da de Guiné, e fora do commum parecer de toda outra que tinham visto.

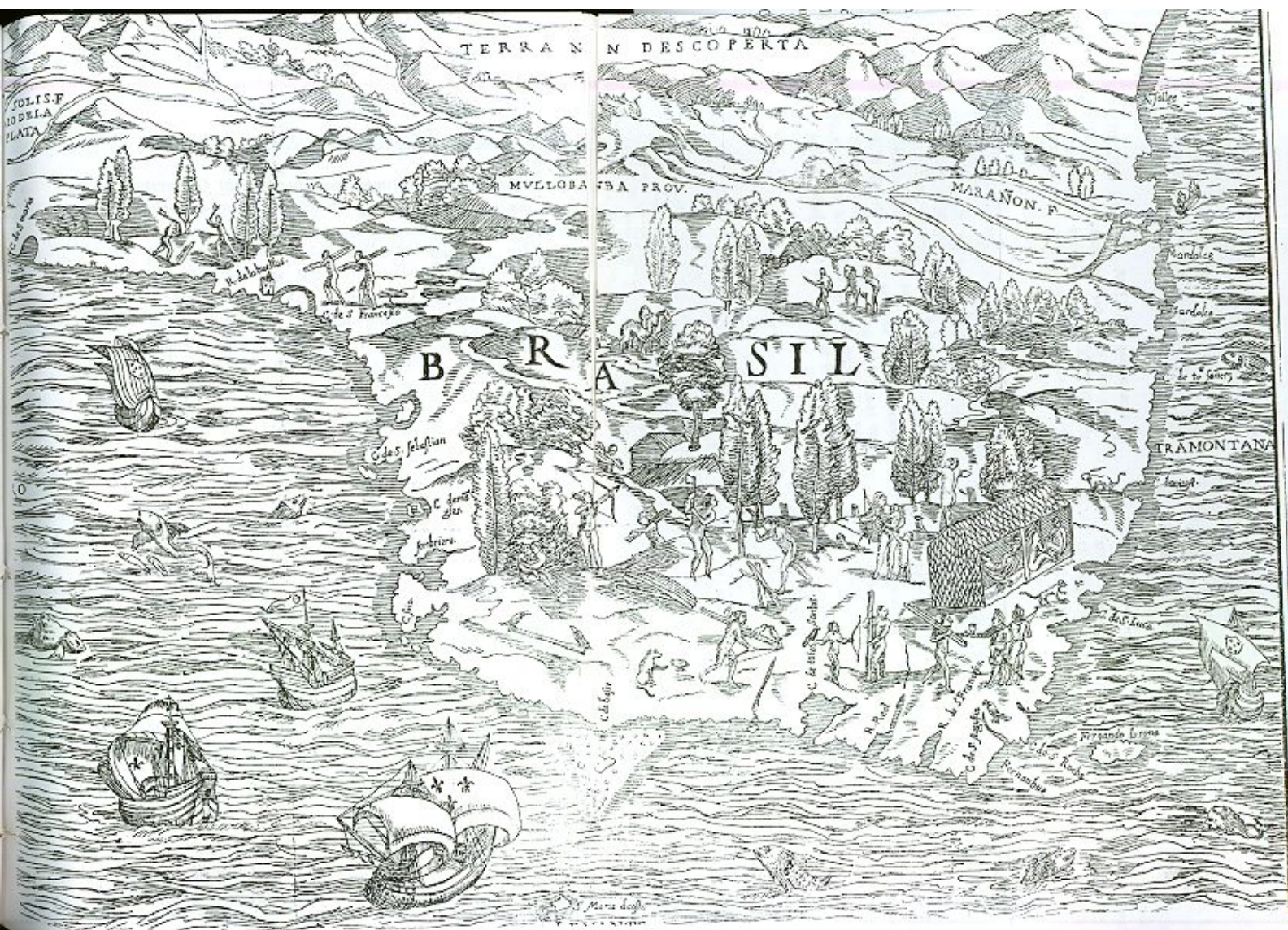
Estando assi surtos nesta parte que digo, saltou aquella noite com elles tanto tempo, que lhes foy forçado leuarem as ancoras, e com aquelle rumo, foram correndo a costa até chegarem a hum porto limpo e de bom surgidouro onde entraram, ao qual puzeram entam este nome, que hoje em dia tem de Porto Seguro, por lhes dar colheita e os assegurar do perigo da tempestade que levavam.

Ao outro dia seguinte, sahio Pedralvarez em terra com a maior parte da gente: na qual se disse logo Missa cantada, e ouve pregaçam: e os indios da terra que allí se ajuntáram ouviam tudo com muita quietaçam, usando de todas os actos e ceremonias que viam fazer aos nossos. E assi se punham de giolhos e batiam nos peitos, como se tiveram lume de Fê, ou por alguã via lhes fora revelado aquelle grande e ineffavel mysterio do Santissimo Sacramento. No que mostraram claramente estarê dispostos pera receberê a doutrina Christãa a todo o tẽpo que lhes fosse denunciada como adiante se verá na capitulo que trata de seus costumes.

Entam despedio logo Pedralvarez hum navio cõ a nova a El-Rei Dom Manoel, a qual foi delle recebida com muito prazer e contentamento: e dali por diante começou logo de mandar algús navios a estas partes e assi se foy a terra descobrindo pouco a pouco e conhecendo de cada vez mais, até que

depois se vêo toda a repartir em capitánias e a pouoar da maneira que agora está. E tornando a Pedralvarez seu descobridor, passados algûs dias que alli esteve fazendo agoada e esperando por tempo que lhe servisse, antes de se partir, por deixar nome aquella provincia, por elle nouamête descoberta mandou alçar huã Cruz ao mais alto lugar de huã arvore, onde foy arvorada com grande solemnidade e benções de Sacerdotes que levava em sua companhia, dando a terra este nome de Santa Cruz: cuja festa celebrava naquelle mesmo dia a Santa madre Igreja (que era aos trez de Mayo). O que nam parece carecer de mysterio, porque assi como nestes Reinos de Portugal trazem a Cruz no peito por insignia da ordem e cavallaria de Christus, assi prouve a elle que esta terra se descobrisse a tempo que o tal nome lhe podesse ser dado neste santo dia, pois havia de ser possuida de Portuguezes, e ficar por herança de patrimonio ao mestrado da mesma ordem de Christus. Por onde nam parece razam, que lhe neguemos este nome, nem que nos esqueçamos delle tam indvidamente por outro que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o pão da tinta começou de vir a estes Reinos.

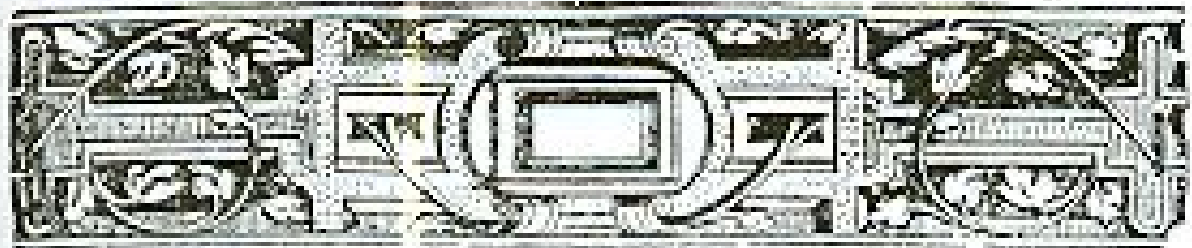
Ao qual chamaram Brasil por ser vermelho e ter semelhança de brasa, e daqui ficou a terra com este nome do Brasil. Mas para que nesta parte magoemos ao demonio, que tanto trabalhou e trabalha por extinguir a memoria de Santa Cruz e desterral-a dos corações do homem (mediante o qual fomos redemidos e liurados do poder de sua



tyrannia) tornemo-lhes a restituir seu nome, e chamamos-lhe provincia de Santa Cruz como em principio (que assi o amoesta tambem aquelle illustre famoso escritor João de Barros na sua primeira Década, tratando deste mesmo descobrimento).

Porque na verdade mais é de estimar e melhor sou nos ouvidos de gôte christãa o nome de hũ pão em que se obrou o mysterio de nossa redempção, que o doutro que nam serve demais que de tingir panos ou couzas semelhantes.

(*Pero de Magalhães Gandavo, 1576*).



O DESCOBRIMENTO

Como foi descoberto este Estado

CAPITULO PRIMEIRO

A TERRA do Brasil, que está na America, huma das quatro partes do Mundo, não se descobriu de proposito, e de principal intento; mas acasoiado Pedro Alvares Cabral, por mandado de El Rey Dom Manoel no anno de mil e quinhentos para a India por Capitão Mór de doze Náus, afastando-se da costa de Guiné, que já era descoberta ao Oriente, achou est'outra ao Occidente, da qual não havia noticia alguma, foi a costeando alguns dias com tormenta the chegar a hum porto seguro, do qual a terra visinha ficou com o mesmo nome.

Ali desembarcou o dito Capitão com seus soldados armados, para pebejarem; porque mandou primeiro hum batel com alguns a descobrir campo, e derão novas de muitos Gentios, que virão; porém não forão

necessarias armas, porque sô de verem homens vestidos, e calçados, brancos, e com barba (do que tudo elles careassem) os tiverão por divinos, e mais que homens, e assim chamando-lhe Carahibbas, que quer dizer na sua lingua cousa divina, se chegarão pacificamente aos nossos. *

Donde assim como os Indios da Nova Hespanha, quando viram desembarcar nella os Hespanhões lhes chamarão viracoches, que significa escumas do mar, parecendo-lhes que o mar os lançara de si como escumas, e este nome lhes ficou sempre, assim somos ainda destoutros chamados caraibbas e respeitados mais que homens. Mas muito mais creseeo nelles o respeito, quando virão a oito frades da ordem do Nosso Padre São Francisco, que hiam com Pedro Alvarez Cabral, e por Guardião o Padre Frey Henrique, que depois foi Bispo de Cepta, o qual disse ali Missa, e pregou, onde os Gentios ao levantar da Hostia e Calix se ajoelharam e batiam nos peitos como faziam os Christãos. . . .

Bem quizerão os nossos frades pela facilidade que muito mostrarão, para acceitarem a nossa fe catholica ficar-se ali para os ensinarem e baptizarem; mas o Capitão Mor que os levava pera outra seara não menos importante, se partio dali a poucos dias com elles pera a India, deixando ali hũa Cruz levantada como tambem dous Portuguezes degradados pera que aprendessem a lingua, e despedio hum Navio a Portugal de que era Capitão Gaspar de Lemos com a nova a El Rey Dom Manoel, que a recebeu com o contentamento, que tão grande cousa, e tam pouco esperada merecia.

CAPITULO SEGUNDO

Do nome do Brasil

O dia, que o Capitão Mor Pedro Alvares Cabral levantou a Cruz, que no Capitulo atraz dissemos era a tres de Maio quando se celebra a Invenção de Santa Cruz, em que Christo Nosso Senhor Redemptor morreo por nós, e por esta causa poz nome a terra, que havia descoberto, de Santa Cruz e por este nome foi conhecida muitos annos: porem como o Demonio com o signal da Cruz perdeu todo o Dominio, que tinha sobre os homens, . . . trabalhou que se esquecesse o primeiro nome, e lhe ficasse o de Brasil, por causa de hum pau assim chamado de côr abrasada, e vermelha, com que tingem pannos. . .

(*Historia do Brasil*—por FREY VICENTE DO SALVADOR—Dezembro de 1627—Bahia).



Conforme a conta dos Padres
Sallano e Bussieres

Tinha já dado o Sol cinco mil e quinhentas e cincoenta e duas voltas ao Zodiaco, pela mais apurada Chronologia dos annos, quando no de mil e quinhentos da nossa Redempção (oito depois que a Christovão Colom levou a especulação a demandar as Indias) trouxe a tempestade a Pedro Alvares Cabral a descobrir o Brazil. Hia este illustre, e famoso Capitão (o primeiro, que depois de D. Vasco da Gama, passava do Tejo ao Indo, e Ganges) governando uma formosa Armada de treze poderosas

naos, com que partio aos nove de Março, e navegando ao principio com prospera viagem, experimentou aos doze dias tão contraria fortuna, que arribando hum dos bateis a Lisbôa, os outros correndo tormenta, perdidos os rumos da navegação, e conduzidos da altissima Providencia, mais que dos portiaados ventos, na altura do Polo Antartico, dezaseis graos. e meyo da parte do Sul, aos vinte e quatro de Abril, avistou ignorada terra, e jámais surcada costa.

Descubrimento do Brazil. Nomes que lhe forão impostos

Nella surgindo as naos, pagou o General a aquella ribeira a segurança, que achara depois de tão evidentes perigos, com lhe chamar Porto Seguro, e á terra Santa Cruz, pelo Estandarte da nossa Fé, que nella arvorou com os mais exemplares jubilos, e ao som de todos os instrumentos, e artillheria da Armada; fazendo com a mesma militar ostentação, e piedade celebrar o Santo Sacrifício da Missa sobre huma Ara, que levantou entre aquelle inculto arvoredó, que lhe servio de docel, e de Templo, a cujas Catholicas ceremonias estiverão admirados, mas reverentes, todos aquelles Barbaros, e conformes com o exemplo dos Fieis, premissas do affecto, com que depois abraçarão a nossa Religião. Este foy o primeiro descubrimento, este o primeiro nome desta Região, que depois esquecida de titulo tão superior, se chamou America, por Americo Vespuccio, e ultimamente Brasil, pelo pao vermelho, ou côr de brazas, que produz.

(Historica da America Portuguesa, por SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA—Bahia, 1725).

ESTE foi o notavel descobrimento do novo mundo por aquella parte do Norte, que depois se intitulou Nova Hespanha. O da outra parte do Sul, intitulada primeiro Santa Cruz, e depois Brasil materia principal de nossa historia, não foi menos maravilhoso, nem menos agradavel: e foi assi. Depois de tres annos de principiada a famosa empreza da India Oriental, querendo El-Rei D. Manoel, de santa memoria, dar successor aos illustres feitos do Capitão Vasco da Gama, escolheo pera este effeito a Pedro Alvarez Cabral, Portuguez, varão nobre, de valor e resolução. O qual partindo de Lisbôa pera aquellas partes da India com huma frota de treze náos em Março do anno de 1500, chegou com prospera viagem ás ilhas Canarias: porém passadas estas, foi arrebatado de força de ventos tempestuosos, e derrotados seus navios.

Hum d'elles, o do Capitão Luiz Pires, destroçado, tornou a arribar á Lisbôa: os outros doze engolfados demasiadamente em o Oceano Austral, depois de quasi um mez de derrota, aos 21 de Abril segunda oitava de Paschoa (segundo o computo de João de Barros, Luiz Coelho, e outros) vieram a ter vista de huma terra nunca d'antes sabida de outro mareante: esta reputaram por ilha ao principio, mas depois de navegarem alguns dias junto a suas praias, averiguaram ser terra firme.

Foi incrível a alegria de toda a armada; porque n'aquella altura jámais viera ao pensamento que podia haver terra. Pozerão-lhe a prôa, e mandou Cabral ao mestre da Capitanea que entrasse no batel, e fosse

investigar o sítio e a natureza da terra: tornou alegre, e referindo que era fértil, amena, vestida de erva e arvoredo, e cortada de rios; e que vira andar junto às praias huns homens nus, que tirávão de vermelhos, cabello corredio, com arco e flechas nas mãos. Não são cridas da primeira vez as cousas grandes: tornou a mandar Capitães, e fizeram estes certo tudo o referido, porque trouxerão consigo dous pescadores, que apanhárão em huma jangada junto á praia, entrados na náó, vinhão a vê-los com espanto, como a monstros da natureza: e como nem elles comosco, nem nós com elles podíamos fallar, por acenos e sinaes procuramos tirar noticias; porém debalde: porque sua rudeza, e o medo com que estavão era tal, que a nada acudião. O que vendo Cabral, mandou que os vestissem, e lançassem em terra com bom tratamento; com que forão contentes aos seus, e lhes contárão o que virão, e facilitarão o tratta.

Lançou a armada ferro para descansar da viagem, e experimentar terra tão nova, em lugar a que chamarão Porto seguro, ou porque n'elle reconheciam seguro abrigo, ou porque n'elle consideravão já seguro o fim de seus maiores trabalhos. Saltárão finalmente em terra, como á competencia de quem primeiro punha o pé em tão ditosas praias. Aqui arvorarão aos 3 de Maio (como querem alguns) o primeiro trophéo de Portuguezes que o Brasil vio, o estandarte de Santa Cruz, ao som de demonstrações de grandes alegrias, e solemnidade de missa, prégação e salvas de artilheria da armada toda, pondo por nome a terra tão formosa, Terra de Santa Cruz, titulo que depois converteo a cobiça dos homens em

Brazil, contentes do nome de outro pão bem differente do da Cruz, e de effeitos bem diversos. Ao estrondo da artilheria, nunca d'antes ouvido n'aquellas regiões, se abalarão, como attonitos, dos arredores de suas serranias, bandos de barbaria, suspensos de verem que sustentava o corpo das agoas maquinas tão grandes, como a de nossas náos da India; e muito mais de verem hospedes tão estranhos, brancos, com barba, e vestidos, coisas entre elles nunca imaginadas.

(Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brazil,—pelo Padre Simão de Vasconcellos—1661.



Em que se declara quem foram os primeiros descobridores da provincia do Brazil e como está arrumada

CAPITULO I

A provincia do Brazil está situada além pa linha equinocial da parte do sul, debaixo da qual começa ella a correr junto do rio que se diz das Amazonas; onde se principia o norte da demarcação e repartição; e vai correndo esta linha pelo sertão d'esta provincia até 45 grãos, pouco mais ou menos.

Esta terra se descobriu aos 25 dias do mez de Abril de 1500 annos por Pedro Alvares Cabral, que n'este tempo ia por capitão-mor, para a India por mandado de El-Rei D. Manoel, em cujo nome tomou posse d'esta provincia, onde agora é a capitania de Porto Seguro, no logar onde já esteve a ilha de

Santa Cruz, que assim se chamou por se aqui arvorar uma muito grande, por mandado de Pedro Alvares Cabral, ao pé da qual mandou dizer, em seu dia, a 3 de Maio, uma solemne missa com muita festa, pelo qual respeito se chama a villa do mesmo nome, e a provincia muitos annos foi nomeada por de Santa Cruz e de muitos Nova Lusitania: e para solemnidade d'esta posse plantou este capitão no mesmo logar um padrão com as armas de Portugal, dos que trazia para o descobrimento da India, para onde levava sua derrota.

(*Gabriel Soares de Souza*—ROTEIRO DO BRAZIL.—1587).

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
 Parte tambem e'o pau vermelho nota;
 De Santa Cruz o nome lhe poreis,
 Descobril-a-há a primeira vossa frota.
 (*Lusiadas*—CANTOS—Canto X, estancia CXL).



Rompem quilhas soberbas negros mares,
 Pasmosa marcha endereçando afoitas;
 Domada a furia aos euros, Luzas fortes,
 Nos céos pregada a vista, e as mãos no leme,
 D'aurora ao berço impavidos proejão.
 Eis subita procella o fado excita
 Propicia e rija os lenhos empuchando
 A' nova plaga e occulta; eu oiço, eu oiço
 O alegre som dos vivos, com qu'arvora
 Sobre as praias Cabral a cruz e as quinas.
 (Do poema *Nictêroç*).

Historia Geral do Brazil pelo Visconde de Porto-Seguro

... partiu da foz do Tejo, aos 9 de Março de 1500, uma esquadra de treze embarcações, armadas algumas por negociantes particulares, mas todas sujeitas á capitania mór de Pedr'Alvares Cabral, individuo de familia illustre, porém não afamado por feitos alguns anteriores. Nas instrucções escriptas que recebeu, e das quaes chegaram providencialmente a nossas mãos alguns fragmentos de maior importancia, foi lhe recommendado que, na altura de Guiné, se afastasse quanto pudesse d'África, para evitar suas morosas e doentias calmas.

Obediante a essas instrucções, que haviam sido redigidas pelas insinuações do Gama, Cabral se foi amarrando d'África, e naturalmente ajudado a levar pelas correntes oceanicas ou *pelagicas*, quando se achava com mais de quarenta dias de viagem aos 23 d'Abri!l, avistou a loeste terra desconhecida. O que desta se apresentou primeiro distinctamente aos olhos curiosos da gente d'essa armada, agora constante só de doze embarcações, por se haver desgarrado dias antes uma dellas, foi um alto monte que, em attenção a festa da paschoa que se acabava de solemnizar a bordo, foi chamado *Paschoal*; nome que ainda conserva esse monte, mui conhecido dos mareantes, que o consideram entre as melhores balizas para a conhecida d'essa parte do littoral.

A esquadra aproximou-se da costa no dia immediato.

O capitão-mór mandou um batel á terra, o qual, remando para uma praia em que havia gente, tentou communicar com ella. Mas baldados foram os esforços dos interpretes de linguas africanas e asiaticas, que iam no batel, para se fazerem entender. Assim, o primeiro trato com aquella gente se reduziu a algumas dadivas ou escambos feitos de parte a parte, e mediante as costumadas prevenções.

Isto tinha logar no dia 23 de Abril, cujo anniversario, (em virtude da correção gregoriana em 1582) se deve celebrar dez dias depois, isto é a 3 de Maio, conforme entre nós effectivamente se admite.

(Secção V—*Descobrimto da America e do Brazil*)



CABRAL suppoz que a terra que descobrira devia ser uma ilha grande; a extensão de costa que elle havia visto, seria de vinte cinco leguas, circumstancia de que um dos pilotos concluiu que o paiz seria parte do continente.


A abundancia de agua, a evidentente fertilidade do terreno e o temperado do clima, tudo se mostrava favoravel para um estabelecimento, que Pero Vaz julgou muito conviria alli fundar, como logar onde se refrescasse nas viagens para Calicut, mas principalmente para converter os indigenas.

Foi Gaspar de Lemos despachado para Lisboa com novas da descoberta, e sabe-se que levou comsigo um dos selvagens. Tambem aos indigenas, quando

virão que os seus hospedes estavam para partir, não persistiram em repellir os dous criminosos que se queria deixar entre elles.

A estes porém faleceu-lhes o animo, quando chegou o momento decisivo, e lamentavão a sua sorte com vozes tão sentidas, que moveram a compaixão d'estes pobres indios, os mais mansos e dôceis de todas as tribus brazileiras. Um d'elles comtudo viveu, para voltar a Portugal, e serviu mais tarde como interprete n'aquellas partes. Da armada desertaram dous moços, escondendo-se na praia, tentados pela perspectiva de liberdade e ociosidade da vida selvagem, de que apenas havião visto a superficie.

(Ramusio—*Navegação de Pedro Alvares*, vol. 1^o).

 BRAZIL, com as suas *steppes* immensas e as suas florestas virgens, constitue a parte mais consideravel da America Meridional.

E' verosimil que elle tenha sido descoberto por Martin Behaim.

Em 1500 lá apartou o almirante portuguez Cabral, acompanhado de Americo Vespuccio, tomou posse da terra em nome de Portugal, erigindo um cruzeiro na costa, e chamando-a Santa Cruz. Os habitantes indigenas seguiram com interesse o officio divino dos Portuguezes, o que estes interpretaram como um augurio favoravel.

Uma tradição antiga refere que o apóstolo S. Thom veiu ao Brazil.

(*Diccionario Encyclopedico da Theologia Catholica* pelos Drs. Wetzer, e Welte, art. *Brasil*, assignado por Herz).



O BRAZIL foi descoberto a 3 de Maio de 1500 por Cabral, que, dirigindo-se com uma flotilha á India, foi pelas correntes arrastado para o occidente, e aprocou junto a Porto-Seguro. Elle deu ao paiz o nome de Santa-Cruz, que pouco depois foi substituido pelo de Brazil, da madeira assim chamada que ha alli em grande abundancia. Quasi ao mesmo tempo reconhecia Pinzon a costa no Maranhão; porém o governo hespanhol, para quem elle navegava, lá não fundou nenhum estabelecimento.

Os Portuguezes, não encontrando ouro nem prata no littoral, por muito tempo descuidaram-se da sua descoberta. Afinal o rei D. João III, apercebendo-se da importancia daquella rica região, em 1530 dividiu o littoral em diversas capitancias, distribuindo-as entre alguns fidalgos da sua cõrte com o encargo de povoa-las. . . Os Judeus Portuguezes em 1548 haviam já introduzido na Bahia a canna de assucar, assentando assim as bases de sua futura riqueza.

Quando os Europeus, no principio do seculo XVI, aprocaram ao Brazil, acharam toda a costa occupada

pela grande familia dos Tupys, que dividia-se numa porção de tribus, a môr parte em hostilidade permanente, umas com as outras, sendo as principaes os *Carijós* que occupavam a costa de Santa Catharina, os *Tamoyos* que estendiam-se ao norte destes até Angra dos Reis; os *Tupinambás*, os *Tupiniquins*, os *Tupinans*, que vagavam no Brazil central; os *Tagabós*, os *Cahetés*, os *Pitaguares*, que espalhavam-se entre o Rio Grande e o Amazonas. Toda esta gente vivia da caça e da pesca, sem pouso fixo e sem outra organização social mais do que a de algumas reuniões em que resolviam-se negocios de interesse geral, e a submissão a certos chefes ou *caciques*, cuja auctoridade, fôra do tempo de guerra, era puramente nominal. Perfuravam-se nos labios, nariz e orelhas, e untavam o corpo de substancias oleosas. Finalmente eram em seu maior numero anthropophagos, mas isto só em damno de inimigos. Em meio, porém, de tanto embrutecimento conservavam idéas de generosidade, e timbravam em ser fieis á sua palavra. Distinguiam-se tambem por uma grande coragem. Os *Tupinambás*, principalmente, eram os que se avantajavam ás outras tribus, quer pelo numero, quer pela influencia. A raça *Tupy* havia recentemente conquistado o littoral á outra de costumes tão barbaros, que ella a reputava uma horda selvagem. Essa era a dos *Tapuyas*, igualmente subdividida em numerosas tribus. Mas a conquista não havia sido completa D'ahi uma confusão que depois reproduziu-se nas narrativas dos primeiros historiadores do paiz. Hoje distinguir a gente da raça *Tupy* da de origem *Tapuya* é uma das maiores difficuldades

que offerece a ethnographia brasileira, e está ainda por saber-se donde os primeiros vinham, quando deu-se a invasão. Estes oppuzeram a principio viva resistencia aos Portuguezes. Vencidos apezar disso, preferindo abandonar seu paiz a submeter-se, pela metade do seculo XVI começaram a emigrar, unico facto notavel da historia dos aborigenes. Os Tupinambás retiraram-se para a linha do littoral da Bahia a Pernambuco, e d'ahi para o Maranhão e para a embocadura do Amazonas. Encontrando em toda a parte inimigos ou molestias que até ahi não conheciam, avançaram cada vez mais longe, e subindo o rio Amazonas estacaram á foz do Madeira, onde os dois viajantes Spix e Martius descobriram em nossos dias seus ultimos despojos numa aldeia chamada Tupinambara.

(*Nuova Encyclopedia Popular*, editada em Turim em 1845, art. *Brasile*).



Da nas margens do Tejo um monumento a que se prende-se mais de uma recordação na historia de Portugal. . . E' o velho convento dos Hyerorimitas de Belém.

Lá celebrava-se no seculo XVI uma grande festa nacional. Os cantos patrioticos misturavam-se aos hymnos solemnes da Egreja; os sons do campanario, levados nas azas do vento até os poeticos pincares de Cintra, juntavam-se ás fanfarras dos soldados, e aos gritos de alegria de que os marinheiros enchiam

os ares. Quem houvesse transposto o limiar do mosteiro teria sido espectador de uma destas scenas que não se veem mais em nossos dias. O rei D. Manoel tinha a seu lado o grande capitão Pedro Alvares Cabral, encarregado da expedição que tinha de succeder à de Gama. O estandarte real da ordem de Christo com as suas dobras fazia sombra aos ministros que celebravam os santos mysterios. A levantada voz do bispo de Ceuta, e depois de Viseu, Monsenhor Diogo Ortiz, echoava sob as abobadas do templo. Erguendo-se no throno, o rei cingiu à cabeça de Pedro Cabral o chapéo que Roma costuma enviar em signal de apreço aos mais famosos capitães. O cortejo desfilou depois pelas ruas de Lisboa em direcção ás margens do Tejo. O rei e o capitão attrahiam as vistas de todos. Dir-se-ia que os espiritos entreviam alguma cousa de sublime, algum maravilhoso acontecimento futuro. Uma poderosa flotilha, a mais brilhante que já ancorara nessas aguas, só esperava Pedro Cabral para velejar.

Era o seculo de ouro da litteratura portugueza; eram para essa nação os dias da Grecia no tempo de Pericles, os de Roma no tempo de Augusto, os da Italia no tempo dos Medicis, os da França no tempo de Luiz XIV. João de Barros polia o pomposo estylo de que servir-se-ia Camões alguns annos mais tarde, e dava a lume sua primeira década no momento em que o grande poeta, impellido pelo destino, ia cantar na gruta de Macao os feitos dos seus compatriotas, numa linguagem sempre *voca de immortalidade e de gloria*.

Cabral tinha por companheiros Nicolau Coelho, que

antes seguira Vasco da Gama, e Bartholomeu Dias, que havia descoberto o Cabo da Bóia Esperança.

Era decorrido apenas cerca de um mez e meio, quando Cabral, sem o esperar, viu as terras do Brazil, e dellas tomou posse em nome do rei de Portugal. A 24 de Abril deitou a âncora em Porto-Seguro, e ahí celebrou-se o primeiro acto religioso no sólo dessas vastas regiões, onde a humanidade era representada só por algumas tribus errantes.

(Padre ROMUALDO MARIA DE SEIXAS BARROSO — *Quelques mots sur l'Eglise de Bahia (Brasil)*.)




Com as armas reaes foi levantado
Aqui da redempção o sinal santo:
Da missa o sacrificio celebrado
Alli se viu com acatamento tanto.
O selvagem da terra então prostrado
Assistio. . . oh! que vel-o era um encanto!
Adorando de um Deus desconhecido
Um mysterio por elle não sabido.

(*Gonçalves Teixeira*—A INDEPENDENCIA DO BRAZIL.)

Na vasta divisão ao Luso veio
O precioso Brazil contido fica;
Paiz e gentes de prodigios cheio,
D'America feliz porção mais rica;
Aqui do vasto oceano no meio
Por horrivel tormenta a prôa applica
O illustre Cabral, com fausto acaso
Sobre grãos dezeseis do nosso occaso.

(*Santa Rita Durão*—CARAMURÚ.)


 CAMINHO uma vez descoberto, logo nelle precipitaram-se os aventureiros e alguns homens de genio.

Acabámos de falar em Colombo e Americo Vespuccio. Em 1500 o Portuguez Alvares Cabral, que dirigia-se ás Indias orientaes, foi arrastado por uma tempestade ás costas do Brazil de que tomou posse em nome de seu soberano

Essas descobertas suscitaram graves questões, entre as quaes a de como tão vastas regiões haviam sido povoadas. Hoje está verificado que os piratas scandinavos já visitavam a Groenlandia no seculo sexto, e lá deixaram colonias. No decimo seculo dois Irlandezes, Biarn e Leif, abordaram a região depois conhecida sob o nome de Nova Inglaterra e Nova Escossia, e á qual deram o nome de Finlandia; não é impossivel que tempestades iguaes á que levou Cabral para as costas do Brazil ahí tenham conduzido tambem navios phenicios e carthaginezes; pela sua parte septentrional, a America toca na Asia, e entre os indigenas encontram-se costumes, tradições, monumentos, que indicariam uma origem commum, e relações provaveis com o Egypto, e talvez mesmo com os christãos mais tarde.

(CHANTREL—*Historia popular dos Papas*).



 REI Manoel confiou a Pedro Alvares Cabral o commando de uma frota para o Hindostão, para continuar a obra de Gama, e estabelecer um centro

de commercio na costa do Malabar. A frota, de treze navios, com cerca de 1.200 homens desferrou de Lisboa em 9 de Março de 1500. Depois de passar as ilhas de Cabo Verde, por alguma razão não ainda conhecida, quer impellido por temporaes, quer para fugir das calmarias que o podiam embarcaçar na costa de Guiné, Cabral tomou uma direcção um tanto mais para oeste do que pretendia, e em 22 de Abril, depois de cansada navegação de menos de 60 leguas por dia, na média, achou-se na costa do Brazil, pouco além do limite a que chegara Lepe.

Era bastante facil atravessar assim, sem tal intenção o oceano, porquanto n'essa latitude a costa do Brazil está apenas a dez graus a oeste do meridiano das ilhas de Cabo Verde, e a corrente equatorial ao sul, desconhecida de Cabral, pende fortemente para o proprio ponto onde elle foi levado. Approximando-se d'ella d'este modo, Cabral estava certo de que esta costa devia cahir a leste do meridiano papal. Consequentemente, no 1º de Maio, em Porto-Seguro na latitude de 16º 30' Sul, tomou posse formal da terra para Portugal, e despachou Gaspar de Lemos em um dos seus navios para Lisboa a levar a noticia. Em 2 de Maio levantou ferro e partiu para o Cabo da Bôa Esperança. Ao passar o famoso promontorio, o irado Genio do Cabo fez cahir a sua vingança sobre o audaz capitão que tinha ouvido revelar o seu segredo. Em uma horrivel tempestade sossobraram quatro navios, e em um d'elles encontrou nas aguas a sepultura o denodado Bartholomeu Dias.

Cabral deu á terra que tinha achado o nome de Vera Cruz, que presentemente é Santa Cruz; mas quando

Lemos chegou a Lisboa com a noticia levava consigo lindos papagaios, e entre os primeiros nomes postos em antigos mappas da costa do Brazil, encontramos os de—Terra dos Papagaios—e Terra da Santa Cruz.

A terra está tão evidentemente para leste, que a Hespanha não podia contestar que, afinal, havia para Portugal alguma coisa no—«mar oceano».

Ha muito que o Dr. Robertson observou, que, se Colombo nunca tivesse existido, e o encadeamento de causas e effeitos em acção independentemente d'elle não tivesse mudado, o descobrimento da America não se demoraria por muito tempo. (*) Ella teria sido descoberta por acaso em 22 de Abril de 1500, dia em que Cabral viu pela primeira vez a costa do Brazil. Todos os outros que navegaram para as costas occidentaes do Atlantico desde 1492 foram successores de Colombo; Cabral não. Na ordem de sequencia causal elle foi o successor de Gama e Dias, de Lançarote e Gil Eannes, e o capricho do vento e das ondas que o levaram a Porto-Seguro, nenhuma relação teve com o triumpho scientifico do grande Genovez.

Esta aventura de Cabral teve interessantes consequencias. Por em movimento uma serie de acontecimentos que acabaram no fim de alguns annos por consignar no mappa o nome de «America». (Pags. 96 a 99).

(Segue a descripção da viagem de Americo Vesputio ao Cabo de S. Roque e d'ahi para o Sul até o de Santa Maria).

(*) Robertson. *História da America* liv. II. HARRISSE faz a mesma ponderação no prefacio do seu *Christovam Colombo*.

O nome do navegador Florentino veio a ser synonymo do que hoje chamamos America do Sul, e esta significação lata veio a ser tão firmemente estabelecida, quanto a sua significação restricta foi usurpada pelo nome—Brazil. Tres seculos antes do tempo de Colombo o pão de tinta vermelha, chamado pão-brazil, era um artigo de commercio, com o mesmo nome, na Italia e na Hespanha. Era uma das cousas de valor que vinham do Oriente, e quando os portuguezes acharam em abundancia n'aquellas florestas tropicaes o mesmo pão que tão bello pareceu a Vespucio, o nome Brazil ficou desde logo vinculado ao paiz, e concorreu para desligar o nome America das suas associações locais. (*)

(*) O historiador portuguez Barros declara que a substituição do nome de Santa Cruz pelo de Brazil deve ter ido obra de algum demonio; pois o que vale este miseravel pão que tingé panno de vermelho comparado com o sangue derramado pela nossa eterna salvação!—“Porém como o demonio per o signal da Cruz perdeu o dominio que tiuha sobre nós, mediante a Paixão de Christo Jesus consummada n'ella; tanto que daquella terra começou a vir o pão vermelho chamado Brazil, trabalhou que este nome ficasse na bocca do povo, e que se perdesse o de Santa Cruz, como que importava mais o nome de um pão que tingé pannos, que daquelle pão que deo tintura a todo os Sacramentos per que somos salvos, por o sangue de Christo Jesus, que nelle foi derramado.” (Barros. Decadas da Asia, Lisboa 1778, Tom. 1.º pag. 391.)

(JOHN FISKE—*The Discovery of America*, vol. 2.º)

CUANAHANI, a guarda avançada do Novo Mundo, foi vista por olhos europeus seis annos antes do descobrimento da America do Sul. Em 1498 Colombo desembarcou perto da embocadura do Orinoco e referiu em linguagem entusiastica «a belleza da nova terra» e declarou-se impressionado como se «nunca pudesse sahir de um logar de tantos encantos». Entretanto, a honra do descobrimento do hemispherio occidental, deve ser conferida a Vicente Yanes Pinzon, que foi companheiro de Colombo, e commandou a *Niña* na primeira gloriosa viagem que revelou ao Velho Mundo a existencia do Novo. Pinzon desferrou de Palos em Dezembro de 1499, e, cruzando o equador, deliciau os seus olhos em 26 de Janeiro de 1500 um promontorio verde que chamou Cabo da Consolação. Este é hoje conhecido como Cabo de Santo Agostinho, a terra avançada logo ao sul da cidade de Pernambuco. D'ahi seguiu rumo do norte, descobrindo as vastas embocaduras do Amazonas, e tocou em varios pontos até chegar ao Orinoco.

Quando Pinzon contemplou os palmeiraes e densas lorestas, e sentiu recender a especiarias as brisas safejadas da costa, suppoz estar visitando a India le além Ganges, e acreditou ter já navegado para além da atamada Cathay. Em nome de Castella tomou posse da auspiciosa terra; mas, antes de elle chegar á Hespanha, Pedro Alvares Cabral, distincto navegador portuguez, tinha tomado para o seu rei o territorio. Na volta de Vasco da Gama a Portugal, em 1499, com a certeza de ter descoberto o caminho

para as Indias pelo Cabo da Boa Esperança, o rei D. Manoel resolveu mandar uma grande armada áquellas famosas regiões, com instrucções para entrar em trato commercial com os soberanos orientaes, ou, no caso de recusa, fazer-lhes a guerra e submettel-os. O commando da expedição foi confiado a Cabral, e, a 9 de Março, uma numerosa frota com os seus mil e quinhentos soldados e marinheiros desferrou no meio de grandes cerimoniaes religiosas e militares, honrando o proprio rei o acto com a sua presença.

Com este punhado de homens, destinados a sujeitar o Oriente ás nações commerciaes de Portugal, Cabral fez derrota para as ilhas de Cabo Verde, e d'ahi, com o intuito de evitar as calmarias que reinam na Costa d'Africa, navegou tanto para oeste, que, sem menor intenção de sua parte, descobriu a 21 de Abril de 1500, a mesma terra que, noventa dias antes, fôra visitada por Pinzon.

O descobrimento de Cabral foi, entretanto, na actual provincia do *Espirito-Santo*, perto do monte Paschoal, que está a oito graus ao sul do Cabo de Santo Agostinho.

Alguns escriptores brazileiros de má vontade de mencionam a viagem de Pinzon; outros ignoram-n'a inteiramente, querendo, ao que parece, attribuir toda a gloria a um dos seus antepassados portuguezes.

Cabral foi, sem duvida, impellido pela monção e pelas correntes,—de que não tinha conhecimento—para a costa do Brazil, e assim fez a sua feliz descoberta. Hoje os navios que partem da Europa para as Indias Orientaes, podem (como bem demonstrou o tenente Maury nos seus mappas dos ventos e das

correntes) fazer as mais rapidas viagens aproveitando-se das maravilhosas monções (*trade-winds*) navegando primeiro para a America do Sul, e depois na direcção do cabo de Bôa esperança. Pinzon sahiu de Palos com o fim de fazer descobrimentos occidentaes; Cabral partiu de Lisboa com instrucções para se dirigir aos descobrimentos orientaes de Vasco da Gama; mas, porque um feliz accidente, (outros dizem uma horrivel tormenta) arrastou a sua armada para o Brazil, e isso, tambem, mezes depois de ter desembarcado o navegador hespanhol no cabo de Santo Agostinho, não ha nem razão nem justiça no orgulho nacional que pretende privar da prioridade do descobrimento a Vicente Yanes Pinzon.

No domingo de Paschoa foi celebrada missa, solemnidade que foi repetida no 1º de Maio; e na presença de milhares de aborigenes, foi levantada uma grande cruz com as insignias de D. Manoel, e a terra a que deram o nome de *Vera-Cruz* foi solemnemente declarada possessão do rei de Portugal.

Foi o padre Fr. Henrique de Coimbra quem dirigiu as cerimonias religiosas, e nas quaes elle foi piedosamente acompanhado (assim resa a chronica) pelos indigenas *imitando os gestos e movimentos dos portuguezes*.

Foram deixados dous degradados com os naturaes, e um d'elles veio a ser depois muito util como interprete. Cabral despachou para Lisboa Gaspar de Lemos, a partecipar ao monarcha o descobrimento e a posse em summa da nova Terra da Vera Cruz, depois do que seguiu a sua derrota para as Indias Orientaes. O papa de Roma fixou uma regra

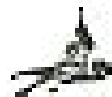
determinando a propriedade das terras descobertas pela Hespanha e Portugal; e assim ficou disposta a questão entre Pinzon e Cabral,

(*Brasil and the Brazilians*, pelos Reverendos JAMES C. FLETCHER e D. P. KIDDER, 2.^a edição, Londres, 1879, pags. 46 a 48.)



Irã logo o Cabral, varão famoso,
Ver do Brazil a costa prolongada
Onde um trophéo levanta glorioso,
Em que deixa sua fama eternizada.

(G. PEREIRA—*Ulysses*, canto 7).



Da nova região que attento observa
Admira o clima doce, o campo ameno,
E entre arvoredos immenso a fertil herva
Na viçosa extensão do aureo terreno:
Coberta a praia está de grã caterva
De incognita nação que com o aceno,
Porque a lingua ignorava, á paz convida
Erguendo-lhe o trophéo do autor da vida.

(*Santa Rita Durão—Caramuru*).

Carta do Rei D. Manuel aos reis catholicos da Hespanha, Fernando e Isabel participando-lhes a descoberta

Muy altos e muy excellentes y muy poderosos principes senores padre y madre.

.....

« O dito meu capitão (Pedro Alvares Cabral) com treze náos partio de Lisboa a 9 de Março do anno passado. Nas oitavas da Paschoa seguinte chegou a uma terra que novamente descobrio, a qual poz o nome de Santa Cruz, na qual achou as gentes nhas como na primeira innocencia, mansas e pacificas, a qual parece que Nosso Senhor milagrosamente quiz que se achasse, porque é mui conveniente e necessaria para a navegação da India, porque ali reparou seus navios e tomou agua; e pelo grande caminho que tinha de andar não se deteve para se informar das cousas da dita terra; apenas me enviou d'ali um navio para me notificar de como a achou, e fez o seu caminho por via do cabo da Boa Esperança

Cintra, 9 de Julho de 1501.

(Do *Brazil Historico*, vol. 1º, pag. 66)



ENTRE varios povos vivia uma tradição relativa a uma ilha encantada, chamada Brazil. Era, pois, natural que apenas apparecesse um paiz, a que se podesse applicar, se fixasse n'elle este nome, que

até então andava vago e incerto, e d'aquí, provavelmente, veio o ter elle prevalecido sobre a denominação official, e até mesmo santificada pela sanção religiosa.

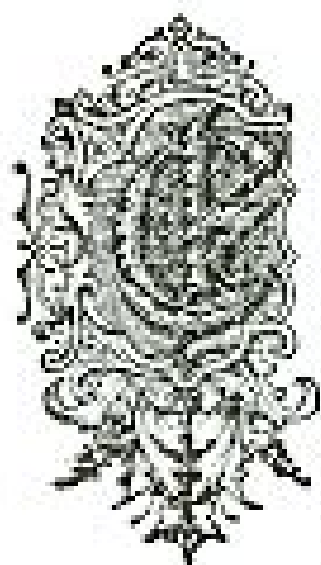
(SOUTHBY—*História do Brazil*).

PARTINDO de Lisboa a 14 de Março, e continuando sua viagem, foi tal sua ventura que a 24 do seguinte Abril depois de uma espantosa tormenta que lhe poz a mão na vida, por descanso d'ella e para recuperação da eterna, que infinitas barbaros tinham em perdição, descobriu a provincia do Brazil, terra conjunta com a do Perú e novo mundo, muito fértil e fresca, e tão sadia, que a vida de seus habitantes mais lhes falta pelos desamparar a natureza, que por enfermidade alguma que os persiga.

(*Dialogo de varia historia*, Dial. IV).

..... a cruz entanto
 Sublime n'um outeiro se colloca;
 O exercito formado ao signal santo
 Se prostra humilde, pondo em terra a bocca;
 Pasma o gentio e admira com espanto
 A melodia com que o Céu se invoca,
 Hymno entoando á cruz pios cantores,
 E respondendo as tropas e os tambores.
 (*Santa Rita Durão—CARAMURÓ*).

A BAHIA CABRALIA (*)



sta Bahia é formada pela curva intensa da costa, desde a ponta de Santo Antonio, ao norte, até a Corôa Vermelha, ao sul, e pelos recifes Sequarathyba, Itassepanema, Alagadas, Baixinha da Corôa Vermelha e pela rocha da mesma corôa. Tem a bahia 12.964 metros de comprimento, sobre 5.556 de largura, sendo protegida pela linha de recifes que margêa a costa.

As coordenadas da ponta norte que forma uma das entradas são: $16^{\circ}-15'-35''$ de latitude e $4^{\circ}-9'-15''$ de longitude, referida ao meridiano do Rio de Janeiro. São cinco os recifes que fecham a leste a bahia, todos differentes e situados desde a ponta norte a Corôa Vermelha; formando cinco passagens, das quaes quatro são tão profundas que dão ingresso á navios das maiores dimensões. A quinta, que fica mais ao norte, entre a ponta de Santo Antonio e o recife Sequarathyba, só é praticavel por embarcações de pequena cabotagem que navegam ao longo da costa por dentro dos recifes dos Ararípes.

Depois do recife Sequarathyba, o que fica mais ao norte é o Itassepanema, a rumo S E da ponta de

(*) Extrahido dos "Estudos sobre a Bahia Cabralia e Vera Cruz" pelo Major Salvador Pires de Carvalho e Aragão, Bahia, 1899.

Que foi n'este ilhéu, *debaixo de um esperavel, que o padre frei Henrique, em voz entoada e offerecida com aquella mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, celebrou a primeira missa.*

Que, finalmente, neste ilhéu, pela primeira vez, foi erguida *alta da parte do evangelho a bandeira de Christo com que sahio de Belém a esquadra de Cabral. Da Corôa Vermelha, descortina-se toda a costa, desde a ponta de Santo Antonio, ao norte até a ponta sul, onde se acha collocada a cruz dos capuchinhos. D'ahi domina-se toda a enseada do Mutá ao sul e barra do Mutary ao norte.*

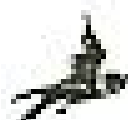
O Monte Paschoal

Na impossibilidade de ir de perto estudar este monte, primeira porção de terra avistada pela esquadra de Cabral em 22 de Abril de 1500 (3 de Maio), assim como photographal-o do mar, devido á quadra em que elle se acha, coberto sempre de neblina, procuramos em uma manhã clara apañal-o, embora a grande distancia, da torre da igreja de Porto-Seguro.

A distancia não dá logar a que se possa fazer precisa e nitida idéa; entretanto, aqui juntamos a descripção feita pelo almirante Mouchez, a fim de que se possa mais claramente formar juizo a seu respeito: « Latitude 16° 53' 20," longitude 41° 44' 47" (meridiano de Paris), altura 536 metros, visivel a 16 legoas. Visto de este e de nordeste, esta montanha apparece como um cabeço isolado de fórma arredondada, ligeiramente conica, dominando as terras circum-

visinhas; mas de sueste vê-se-o acompanhado de muitos cabeços menos elevados e de um pico muito notavel tendo a fôrma cylindrica de uma grossa torre sobre o cumo de uma montanha. Este pico é o João Leão, que está a 12 milhas a rumo de S W a W do Monte Paschoal e parece um pouco mais elevado que elle. São estes os unicos cumes, vistos de largo, que se encontram entre os morros de Comandantuba (15° 1/2 de latitude) e as altas terras do Espirito-Santo (20° de latitude).

Este monte está muito felizmente situado para prevenir ao navegador de approximar-se dos Abrolhos.

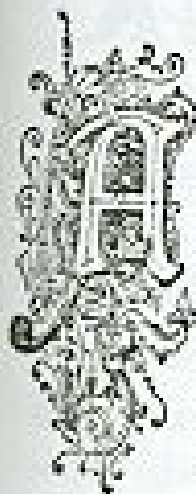


Bahia (linda terra), monumento
D'antigos Portuguezes celebrados,
Aliva por prospecto corpulento,
Dominados dos Engenhos apostados.
Goza Mitra Primaz, e foi já assento
De Grandes Capitães, e bem prendados:
Por commercio feliz vive brilhante
Dos rijos Hollandezes triumphante.

(Padre F. do N. Silveira—Coro das Musas).

Centenario do Brazil

Que data de mez e dia do corrente anno de 1900, corresponde com o dia 22 de Abril de 1500, de accordo com a reforma do Calendario juliano, feita pelo papa Gregorio XIII em Outubro do anno de 1582?



O sabio não deslustra o desacerto n'um conceito de qualquer assumpto, o erro de calculo n'uma equação algebrica, n'um problema aritmetico, no computo de um Calendario. A reflexão corrige a inadvertencia; a rectificação emenda o erro.

Era eu bem menino ainda quando li de um poeta carioca a estancia que ahí vai:

*No fim do seculo decimo sexto,
segundo a historia do melhor texto,
aos vinte dois do mez de Abril,
Cabral a costa viu do Brazil.,

Os historiadores, que não são poetas, antes prosaicos, nos quaes não ha que fiar, e muito que desconfiar, que são submissos repetidores, e nunca investigadores acurados, são, *quasi* a uma, de consenso.

Foi, portanto, no dia 22 de Abril do anno de 1500, que Cabral deu com as terras do Brazil.

Vejamos agora no anno de 1900 em que mez e dia deve corresponder o dia 22 de Abril de 1500.

O anno de 1500 foi bisexto. Os annos bisextos teem letra dominical dupla: a letra do anno de 1500, é a dupla *E D*. A letra *E* serve para os mezes de Janeiro e Fevereiro e *D* para o mez de Março a Dezembro. A letra *D* indica que o 1º de Abril de 1500 foi uma 4ª feira; o dia 22, tambem 4ª feira.

Julio Cezar, 45 annos, conforme uns, 46 conforme outros, antes da era Christã, estabeleceu o calendario que ficou sendo chamado Calendario juliano.

N'esse tempo tinha-se como certo, que o sol gasta exactamente 365 dias e um quarto em fazer sua revolução annual. Conseguentemente, Julio Cezar prescreveu a intercalação de um dia todos os quatro annos; de sorte que trez annos communs de 365 são seguidos de um anno bisexto de 366 dias. O dia intercalado ou complementar do anno bisexto se ajunta ao mez de Fevereiro que então conta 29 dias.

O periodo de tempo conhecido por *seculo* é a reunião de cem annos julianos de 365 dias e um quarto. Este periodo comprehende 36525 dias.

O calendario juliano regulou sem mudança nos paizes catholicos até o fim do XVº seculo.

A intercalação de um dia todos os quatro annos no calendario juliano torna o anno civil maior que o solar; pois resulta de um anno de $365\frac{1}{4}$; enquanto que o valor medio do anno tropico é realmente de $365\frac{2422}{10000}$.

A differença de $0^d,0077834$ por anno se eleva a $0^d,0311336$ em 4 annos e a $3^d,11336$ em 400 annos.

D'esta sorte, o anno civil adoptado no calendario juliano sendo muito longo, seu começo retardava sempre sobre o começo do anno solar.

A differença era de 10 dias no fim do seculo XVI, em 1582. Para obstar a este inconveniente, determinou o papa Gregorio XIII (*Buoncompagno*) aconselhado pelo astrologo Luiz Lilio, que se cortassem 10 dias ao anno de 1582, e ficou assentado que, para o futuro, trez annos seculares, que segundo os regulamentos feitos por Julio Cezar deveriam ser *bisextos*, fossem *communis* e que no quarto somente se intercalasse um dia supplementar.

Na bula da reforma ordenou o papa Gregorio que o dia seguinte ao de 5^a feira 4 de Outubro de 1582 se chamasse 6^a feira 15 de Outubro do anno de 1582.

Em França o corte de 10 dias no calendario só teve logar no mez de Dezembro seguinte. Por cartas-patentes do rei Henrique III, o domingo 9 de Dezembro de 1582 foi seguido immediatamente da 2^a feira 20 de Dezembro de 1582.

Depois desta correccão de 10 dias, continuou-se na intercalação juliana de um dia todos os quatro annos. Porém como ella produz um retardamento de 3 dias em 400 annos, ficou convencionado suprimir o dia intercalar nos trez annos de 1700, 1800, e 1800, e que trez annos seculares *communis* seriam seguidos de um anno secular bisexto.

O anno secular de 1600 sendo bisexto nos dois calendaros, o avanço do calendario gregoriano sobre o calendario juliano ficou de 10 dias durante o seculo XVII; de 11 dias no seculo XVIII; de 12 dias no seculo XIX, e agora desde o 1^o de Março de 1900, de 13 dias.

Basta ajuntar 13 dias, do 1^o de Março em diante, á uma data juliana para ter a data no calendario gregoriano.

Portanto o dia 22 de Abril de 1900, 4ª feira, corresponde ao 6 de Maio de 1900, Domingo. A letra dominical do anno de 1900 é G.

No calendario gregoriano, fundado sobre o movimento do Sol, as estações voltam nas mesmas épocas do anno. Não acontece o mesmo em relação as *festas moceis* que são reguladas pelo movimento combinado do sol e da lua, e que dam-se em datas diferentes de um anno para outro. Estas festas são sempre separadas da festa movel da Paschoa por intervalos do mesmo numero de dias.

A festa da Paschoa é celebrada na 1ª dominga depois da lua cheia, que cai no dia do equinocio da primavera ou alguns dias mais tarde. O equinocio tendo sido fixado em 21 de Março pelos computistas e o decimo quarto dia da lua contado com a epacta, sendo reputado o dia da lua cheia, o Domingo de Pascoa pode cair ao mais cedo a 22 de Março e ao mais tarde a 25 de Abril.

As taboas abaixo servem para transformar as datas gregorianas em julianas e as julianas em gregorianas.

<i>O calendario gregoriano avança</i>	<i>Datas julianas</i>
De 10 dias de 5 de Outub. de 1582	a 18 de Fev. de 1700
* 11 dias de 19 de Fev. de 1700	a 17 de Fev. de 1800
* 12 dias de 18 de Fev. de 1800	a 16 de Fev. de 1900
* 13 dias de 17 de Fev. de 1900	a 15 de Fev. de 2100

<i>O calendario juliano retarda</i>	<i>Datas gregorianas</i>
* 10 dias de 15 de Outub. de 1582	a 28 de Fev. de 1700
* 11 dias de 1º de Março de 1700	a 28 de Fev. de 1800
* 12 dias de 1º de Março de 1800	a 28 de Fev. de 1900
* 13 dias de 1º de Março de 1900	a 28 de Fev. de 2100

Fica provado; parecez que o dia 6 de Maio de 1900, Domingo, é o dia que corresponde ao dia 22 de Abril de 1500 e não o dia 3 de Maio, como tenho lido em escriptos relativos a questão.

Se desacertei, provem; se errei, rectifiquem o calculo. Aceito de bom grado a correcção, ou a rectificação.

In libro qui inscribitur in sapientem non caere injuriam.

Bahia, 21 de Abril 1900.

Dr. ROZENDO AFRICIO P. GUIMARÃES.

